

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

Revista Internacional do Espiritismo

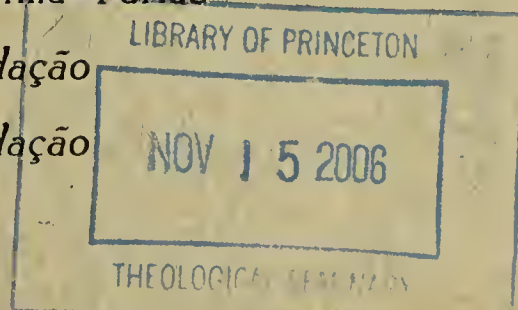
LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

A Ação Social do Espiritismo no Brasil	Redação
A Vidente de Prevorst	Dr. Francisco Klörs Werneck
Em torno de um livro	Elídio Taveiros
O romance de Charles Dickens e o caso de Laura Edmonds	J. B. Chagas
Livros e Autores	Leopoldo Machado
Sugestão e Atitude Mental	Adaúto de Oliveira Serra
A Missão do Paraclito	Walter R. Accorsi
Trinta anos entre os mortos	Dr. Francisco Klörs Werneck
Reivindicando lugar para Kardec e a Filosofia Espírita	Delfino Ferreira
Crianças Prodígios	Djalma Farias
Crônica Estrangeira	Redação
Espiritismo no Brasil	Redação



Revista Internacional do Espiritismo

Órgão de Estudos Anímicos e Espíritas

MATÃO — Est. São Paulo

Matão, Maio de 1947.

Prezado confrade.

Paz em Jesus.

Como deve ser do vosso conhecimento, «Revista Internacional do Espiritismo», a-pesar do aumento sucessivo do preço da matéria prima e da mão de obra, tem procurado manter o mesmo preço das assinaturas, ou seja Cr. \$ 20,00 por ano, afim de não sobrecarregar os seus prezados assinantes, cujo número aumenta diariamente, o que constitúe grande estímulo para o prosseguimento da tarefa que nos confiou o seu fundador, nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Agora, porém, não é possível manter por mais tempo êsse critério, pois o preço do papel, tinta, mão de obra, etc., subiu ainda mais, contrariando as nossas esperanças fundadas na baixa do preço da matéria prima e do custo de vida, o que, segundo pensamos, parece ser cousa remota.

Precisamos, pois, agir de acôrdo com as circunstâncias e, assim pensando, aumentamos o preço das assinaturas da «Revista Internacional do Espiritismo», que dêste mês em diante é de Cr. \$ 30,00, porte simples, e Cr. \$ 35,00, porte registrado, por ano, sofrendo um aumento de Cr. \$ 10,00, que julgamos razoável.

Prometemos, entretanto, aos nossos prezados assinantes, voltar ao preço primitivo logo que a situação se normalize, nos permitindo obter a matéria prima por preços compensadores.

Estamos certos de que êste apêlo será atendido pelos nossos assinantes, muitos dos quais, conhecendo de perto as dificuldades por que passamos para manter esta Revista, nos sugeriram ha tempos esta justa medida.

Com os nossos melhores votos de crescente progresso espiritual, subscrevemo-nos fraternalmente,

Pela «Revista Internacional do Espiritismo,

Antônia Verche S. Campêlo
Gerente

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ≡ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

A Ação Social do Espiritismo no Brasil

OS espíritas brasileiros estão de parabens com as demonstrações de simpatia dos seus irmãos americanos e de além mar, em consequência do seu trabalho no campo da assistência social, trabalho que é um testemunho frisante de sua fé nas promessas de Jesus e de sua compreensão dos ensinamentos evangélicos. É assim como Deus dá a cada um segundo as suas obras, assim também os homens, sejam ateus, materialistas e até contraditores, não podem deixar de reconhecer no Espiritismo uma doutrina de real valor, visto como os que o professam fazem obras de fundo genuinamente social, de solidariedade fraterna, obras de vulto, que poderiam ser tidas como um milagre, se realmente existisse o milagre.

Muita razão teve Jesus quando afirmou que a fé transporta montanhas e transplanta sicômoros, pois as obras dos espíritas brasileiros no campo da assistência social o confirmam plenamente.

Há, é verdade, controvérsias entre alguns espíritas brasileiros sobre pontos doutrinários e filosóficos, cada um procurando defender o seu ponto de vista, o que não é digno de censura porque a verdade não pode

ser encontrada sem trabalho e sem dificuldades. Aquele que estiver com a verdade vencerá. O que importa é que continuem os espíritas brasileiros no trabalho da pregação do Evangelho, apresentando obras em todos os setores da atividade humana, pois não só receberão a recompensa de Deus como o reconhecimento dos homens, pois *contra factos não prevaecem argumentos*.

A propósito, passamos a transcrever a parte mais importante de um artigo que, com o título supra, publicou em «O Mensageiro Espírita», Boletim da Federação Espírita Portuguesa, o confrade Pedro Carreira Dias de Souza, cujas palavras cheias de sinceridade e estímulo, agradecemos em nome dos espíritas brasileiros:

«Não conheço outro país onde tão exuberantemente se exemplifiquem os superiores princípios da ética e da sociologia neo-espiritualista, como no Brasil.

O Brasil é, sem contestação, a pátria dos *verdadeiros espíritas*, dos que compreendem, sentem e praticam em toda a sua sublime magnitude e beleza, a Doutrina Cristã, de acordo com os ensinamentos da Nova Revelação. Pode mesmo afirmar-se

que ali nenhum outro credo — assente êle embora, os seus alicerces em muitos séculos de história — apresenta uma tão desinteressada e grandiosa obra de assistência social.

Em muitas cidades de quase todos os Estados do Brasil existem êsses magníficos monumentos de solidariedade humana que se chamam asilos, escolas, orfanatos, hospitais, lactários e clínicas, de assistência inteiramente gratuita, e cujas despesas — enormes, como é de calcular — são na sua quase totalidade custeadas pelos espíritas.

Na sua quase totalidade, dizemos, porque não raro os diversos Governos Estaduais contribuem com dinheiro para essas obras de assistência, algumas das quais são consideradas como de *utilidade pública* e, como tal, desfrutam as competentes prerrogativas.

Não se folheia um jornal ou uma revista espírita brasileira que se não depare com a notícia dum empreendimento dessa natureza. Neste, anuncia-se a inauguração de *mais um* pavilhão dum orfanato; naquele, abre-se uma subscrição para construir *mais uma* dependência dum asilo; aqui, dá-se conta de que se adquiriu uma porção de terreno para a construção dum dispensário; além, indicam-se as horas das consultas médicas, *dadas por médicos*, evidentemente, em certo hospital!

Vejamos, por exemplo, o que a êste respeito se passa *apenas* no Estado do Rio de Janeiro e seu Distrito Federal:

ABRIGOS

Abrigo Francisco de Paula (*Para Meninas*). Abrigo Olímpia Belém (*Para Crianças*). Abrigo Seára dos Pobres (*Para Crianças*). Abrigo Teresa de Jesus (*Para Meninos e Meninas*). Amparo Teresa Cristina (*Para Velhinhas*).

ASILOS

Asilo-Creche Nazareno. — Asilo Espírita João Evangelista (*Para Crianças*). Asilo Legião do Bem (*Para Velhinhas*). Asilo de Órfãos Anália Franco.

DISPENSÁRIO

Dispensário Antonio de Pádua (*Assistência Médica*)

HOSPITAIS

Casa da Mãe Pobre (*Para Gestantes*). Hospital de Clínicas Allan Kardec (*Clínica Geral*). Hospital Pedro de Alcântara (*Psiquiatria — Obsessões*).

ORFANATOS

Orfanato Casa de Lázaro (*Para Crianças*). Orfanato Casa de Lúcia. Orfanato Pedro Richard (*Para Crianças*). Orfanato Teresa Cristina (*Para Meninos*).

Resumo: 5 Abrigos, 4 Asilos, 1 Dispensário, 3 Hospitais e 4 Orfanatos.

ESCOLAS

Grande número de Escolas para ambos os sexos e qualquer idade.

Êste é, incontavelmente, o mais honroso documento que os nossos confrades brasileiros podem exhibir perante os adversários do Espiritismo e o Mundo.

Uma doutrina que, assim, tão fundo lança as raízes nos corações dos seus adeptos e se desentranha em tão belos e numerosos frutos, é bem uma Doutrina Superior e traz em si própria a marca da imperecibilidade!

Não é provável — agora que já percorri um grande trecho da estrada da vida — que eu tenha de trocar o meu Portugal por outra Pátria onde vá acabar os meus dias terrenos. Mas se isso ainda me deve ser imposto como complemento das provações da minha presente encarnação e eu me veja, algum dia, distante da Pátria a caminho de novos ceus buscando outros horizontes, permitam os Mensageiros do Alto que seja, de novo, aos ceus do Brasil que eu tenha de acolher-me.

Porque aí — Coração do Mundo e verdadeira Pátria do Evangelho — encontra sempre o espírita sincero, o amparo suficiente e a compreensão bastante para que seus esforços e boa vontade em favor da Causa não estiolem nem pereçam.

Quando será que os espíritas portugueses poderão enfileirar, nessa

obra grandiosa de Solidariedade e de Amor, ao lado dos seus irmãos brasileiros?

Quando será que os portugueses abrirão, finalmente, os olhos da alma á Luz Bendita do verdadeiro Evangelho de Jesus?

Os espíritas brasileiros são, incontestavelmente, os mais dignos e os maiores trabalhadores da Seára do Mestre!

Nós, para quem a sua magnífi-

ca obra de assistência social se nos afigura quase miraculosa nestes tempos de egoísmo feroz que vão correndo, aqui rendemos aos nossos confrades do Brasil as merecidas homenagens e enviamos o testemunho do nosso maior respeito e admiração pelo seu cristianissimo esforço, e os votos mais ardentes para que êle prosiga, sem desfalecimentos, a bem do progresso espiritual da Pátria que lhes é berço.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPÍTULO IV

Os sofrimentos aumentam e o sonambulismo torna-se mais completo

Um segundo parto, que se deu a 28 de Dezembro, foi seguido de febre com delírio, durante o qual a Sra. Hauffe se cria deitada dentro de uma vasta igreja, dêle resultando uma série de convulsões e consequente agravação do seu estado sonambúlico. Os remédios ordinários mostrando-se ineficazes, ensaiaram-se, de novo, os passes magnéticos e foi seu irmão quem habitualmente os aplicou.

Em sua ausência, seus pais, cheios de tristeza, fizeram apêlo a varias outras pessoas, para que tomassem tal encargo, o que, infelizmente não só prejudicava sua reputação, mas também sua saude, por causa da diferença do temperamento nervoso das pessoas que os aplicavam. Foi ela assim mergulhada num estado sonambúlico mais agudo e tornou-se mais dependente que antes, da energia nervosa de outros. Um tratamento mais judicioso lhe teria evitado tantos sofrimentos e tantos ataques caluniosos.

Facto notável é que seu filho, especialmente durante a primeira semana de vida, dormia sempre na posição que ela tomava na ocasião do sono magnético, isto é, braços e pés cruzados. Ver-se-á mais tarde que também era êle dotado da faculdade de ver espíritos.

Certa amiga, que estava sempre perto dela durante aquêle período, me descreveu o seguinte: «Cada vez que coloco meu dedo sôbre sua fonte, entre as sobrancelhas, me diz ela algo que me concerne, lê meu pensamento e pronuncia fráses como estas: «Quando penetrares no meio do tumulto do mundo, fecha o Senhor firmemente em teu coração.—Se alguém quizer levar-te a agir contra a tua consciência, refugia-te no seio do Senhor.—Não deixes extinguir a luz que brilha em ti», etc.

As convulsões e os acessos de sonambulismo continuando sempre, os que a cercavam, incapazes de apreciar sua situação, começaram a fatigar-se e ter-lhe aversão. Ela ia de mal a pior, foi tomada de diarréia e suores noturnos e chegou-se mesmo a censurá-la por continuar a viver, apesar de todos os seus sofrimentos.

Inutilmente empregou-se fôrça para mantê-la levantada, obrigando-a a deixar o leito, mas tombava ela desfalecida no chão. Começou-se a suspeitar de que a doença era obra do diabo e recorreu-se a um homem que tinha fama de operar curas por meios simpáticos. O que aconteceu foi que o povo acusou a família da Sra. Hauffe de ignorante ou incrédula, pois recorria a tais meios. Porém pessoas mais educadas e mais instruídas não fazem o mesmo? Não se tem cuidado de

doenças por meios simpáticos? Não vimos celebridades enviar à Sra. Hauffe seus enfêrmos que não podiam curar?

Tal homem compôs para ela um pó verde que recusou tomar, mas que êle a obrigou a isso. Desde a segunda dóse que ela tomou, poudede logo manter-se em pé, porém caiu logo inteiramente rígida, depois deu alguns passos e girou em círculo, como se atacada de dansa de São Guido.

Não estava completamente acordada; sua voz, que era aguda, falava o alto alemão e uma língua estranha, que descrevia igualmente e que chamava sua língua interior, língua essa da qual teremos muitas ocasiões de falar. Quando falava tal língua, estava em um estado de meio sono e, quando queria falar a língua comum, fazia passes sôbre si mesma.

Ao mesmo tempo que o pó, deu-lhe tal homem um amulêto côm de chumbo, suspenso num tríplice fio. Cada sexta-feira, enviava-se áquêle homem uma mensagem, conforme seu pedido e ainda que fossem precisas sete horas para lhe ser entregue. Ela disse durante o sono: «Êle quer que eu lhe peça para vir e, se não o fizer, espetará agulhas em certas plantas, na sua adega, afim de submeter-me mais a êle e fazer-me suportar mais sofrimentos e anciedades. E' preciso que eu mesma lhe escreva». Fê-lo durante o sono e, remetida a carta appareceu-lhe o homem. Tinha um aspecto sombrio, grosseiro, repelente e grandes olhos brilhantes. Quando chegou, estava ela mergulhada em sono magnético e declarou que êle não devia entrar no aposento, sem antes dizer: «Creio que Jesus Cristo é o verdadeiro filho de Deus, engendrado pelo Pai desde toda a eternidade».

Êle o fez e ela o permitiu entrar, porém não lhe dirigiu a palavra. Pediu-lhe que, quando estivesse acordada, não lhe tocasse a mão, o que queria êle fazer, mas recomendou que não lhe falasse nisto afim de não ofendê-la. Fez-se o que se poudede para corresponder aos seus desejos, mas sem resultado. Êle lhe tomou a mão que logo se dobrou, contraindo-se de modo espantoso e não foi possível fazê-la voltar ao seu estado normal, nem a insuflando, nem a magnetizando. Caiu em estado sonambúlico e então se lhe mergulhou a mão nágua corrente, depois de banhá-la em vinho quente, desaparecendo a contração.

Ainda que o pó atornasse mais sen-

sível ao magnetismo, continuou a tomá-lo, mas em pequeninas doses, com mêdo, como dizia, de que aquêle homem lhe causasse alguns males. Coisa estranha para dizer-se, mas o amulêto que lhe dera, não tendo sido, com seu consentimento, tocado por quem quer que seja, percorreu sua cabeça, seu peito, as cobertas de seu leito, como uma coisa viva, de tal sorte que se acabou de arrojá-lo por terra, tendo ela ficado doente.

Tal facto, incrível na verdade, produziu-se sob as vistas de várias testemunhas dignas de fé, que o atestaram. Trouxe ela o amulêto sôbre suas costas durante três mêses. Quando foi confiada aos meus cuidados médicos, examinei-o e verifiquei que continha um pouco de ássa fétida, sabina, cianuro, dois fragmentos de estramônio, um pequeno iman e um pedaço de papel em que haviam escritas as seguintes palavras: «O Filho de Deus veio para destruir as obras do demônio».

Tendo ouvido falar de sua longa enfermidade, seus pais escreveram ao marido dela para tornar a levá-la para Kurnbach. Ela, porém, se opôs à viagem, mas acabou consentindo, afim de diminuir as preocupações dos seus progenitores. Isso lhe acarretou cruel enfermidade e eles se viram obrigados a levá-la de volta. Em tal circunstância, algumas doses de ópio lhe foram úteis.

Foi então, afligida por excessiva irritabilidade dos nervos do estômago e caía num estado de fraqueza alarmante, desde que se não lhe desse alimento, seguidamente. Em vista de a medicina só lhe proporcionar pequeno alívio e, dado o afastamento da residência do médico, foi-se obrigado a mandá-la para a casa do tio residente em Löwenstein. Lá passou a dormir e fazia, ela mesma, suas prescrições, mas, como não se tinha muita confiança nelas, não foram mais seguidas.

Naquella ocasião é que fui chamado para atendê-la. (*) Nunca a vira até então, mas sôbre sua pessoa ouvira muitas narrações falsas e malévolas. Devo

(*) Foi isso no comêço de 1826. A Sra. Hauffe tinha então 25 anos e o Dr. Kerner 40, sendo êle médico superior em Weinsberg. A' proporção que vamos analisando a vida da Sra. Hauffe, temos a impressão de uma poderosa médium, com grandes provações físicas e morais. (Nota de F. K. W.).

confessar que dei fé às opiniões do mundo e acreditei nas mentiras. Quis, primeiramente, não fazer caso algum do seu estado magnético e a pús em relação com pessoas de um poderoso temperamento nervoso. Breve, quis que tudo fôsse feito para arrancá-la do seu estado magnético e que fôsse tratada com a maior solicitude mas pelos meios médicos comuns.

Meu amigo o Dr. Off, de Löwentstein, compartilhou da minha opinião e iniciamos um tratamento regular, mas ficamos logo desapontados, porque a disenteria, as convulsões, os suores noturnos, retomaram seu curso. Quando se lhe da-

vam tônicos, experimentava a mesma sensação, como se a tivesse levantado no ar. Tudo a espantava, e, à noite, caía em estado de fraqueza que a deixava inanimada. Suas amigas esperavam livrá-la, pela prece, da suposta influência do demônio.

Naquela época, tudo lhe era indiferente; ficava como insensível. A morte lhe seria um benefício, mas sofreu o martírio e não morreu. Suas amigas continuavam mergulhadas na tristeza e na inquietude.

Felizmente, conforme minha recomendação, foi levada para Weinsberg, afim de ver se algo se podia fazer por ela.

EM TORNO DE UM LIVRO

II



M nossa última tertúlia, analisando o livro «ANATOMIA DA PAZ», da autoria de Emery Reves, ao lado das grandes verdades que êle contém e que procuramos frizar, vimos a confusão em que caiu o autor, atribuindo ao cristianismo a falência das religiões cristãs organizadas. Vimos mais a conclusão a que êle chegou: a ineficiência dos dez mandamentos, dos ensinamentos morais do Cristo, dos evangelistas e dos apóstolos, que não podem ser postos em prática no estado atual de adiantamento em que se encontra o mundo.

Hoje vamos continuar estudando o raciocínio do citado escritor, para ver que caminho êle nos aponta para chegarmos ao almejado fim — a paz e a liberdade. Ao lado das suas conclusões poremos a nossa interpretação, de acôrdo com nosso ponto de vista pessoal, que continuaremos esposando até que alguém nos prove que também nós laboramos em êrro, momento em que imediatamente corrigiremos o modo de pensar, de acôrdo com a verdade que nos fôr revelada.

Com a habilidade que lhe é característica de cobrir sempre um tapa com uma carícia, prossegue Emery Reves: «Não estaremos depreciando a grande obra e as boas intenções das religiões, nem constitue factó de que devamos ter vergonha, se compreendermos e admitir-

mos que o homem, para ser transformado da besta que é num membro responsável de uma sociedade civilizada, precisa de metodos mais eficazes do que rezas, orações e rituais.

O homem poderá tornar-se um ser social consciente e construtivo sómente se a sociedade lhe impuser certos princípios na forma de uma ordem legal.

A história demonstra indiscutivelmente que há apenas um método para fazer o homem aceitar princípios morais e normas de conduta social. Êsse método é a lei.»

De facto, para aplacar os instintos selvagens da fera humana, já não bastam as rezas, as orações e os rituais, porque na verdade, quando o homem orava com devoção ou contritamente acompanhava o ritual, só indiretamente procurava com isso sua própria melhoria, pois o objetivo último era fugir ao inferno tenebroso com que lhe ameaçava ou ganhar o céu paradisíaco com que lhe acenavam. Mas depois que a ciência rasgou as entranhas da terra e esquadrinhou a amplidão do espaço sem ter encontrado nem um nem outro, êsses «métodos inventados há séculos pelos fundadores de religiões» tornaram-se inteiramente ineficientes. Assim devia ser porque êsses fundadores de religiões só compreenderam o período de vida que vai do berço ao túmulo; assim devia ser porque êles diziam que a alma não existia antes; assim devia ser

porque êles afirmavam que merecer o céu ou o inferno dependia só do trabalho dessa única existência. Mas a reflexão do homem, que se foi tornando cada vez mais amadurecida, começou a lhe dizer que havia nisso evidente parcialidade do autor da vida, a uns dando inteligência, saúde, riqueza e tôdas as facilidades para ganhar o céu, enquanto a outros negava todos êsses favores, atribuindo-lhes as mais penosas privações.

Faliram as religiões que se apegaram a êsses métodos retrógrados, e faliram os homens que não quiseram divorciar-se delas. Agora, si elas quiseram recuperar a hegemonia perdida, e sobretudo si quiserem ganhar ascendência sôbre os homens e tornarem-se verdadeiros instrumentos capazes de transformá-los de animal em ser social racional, demonstrem-lhes positivamente, como é possível fazê-lo por métodos científicos, a existência do espírito antes de tomar o corpo material, bem como a sobrevivência e operosidade do mesmo. Mostrem-lhes com factos que a responsabilidade é pessoal, que êles são os artífices de sua própria felicidade ou desgraça, e que o futuro deles depende dos esforços que fizerem desde já para o seu próprio aperfeiçoamento; mostrem-lhes que do karma acumulado por qualquer pessoa ou por qualquer povo ninguém foge jamais, e que êsse karma os atinge em qualquer lugar ou tempo, nesta ou em outra incarnação.

Essas são as leis que propomos sejam aceitas por todos os homens sensatos, independentemente do país onde viva ou da crença que professe, porque são as únicas leis universais, eternas e verdadeiras. Universais porque são de todos os planetas habitados e não sómente do nosso pobre globo terráqueo; eternas porque foram promulgadas desde todos os tempos pelo Supremo Legislador e nunca tiveram necessidade de ser revogadas nem nunca serão; verdadeiras porque estão na natureza, atributos êsses que as tornam indefectíveis.

Quanto á sociedade *impor ao homem certos princípios na forma de uma ordem legal*, como quer Emery Reves, o que vale dizer, quanto a uns tantos homens decretarem leis falíveis e revogáveis e imporem aos seus iguais como paradigmas de conduta social, parece-me o mais anti-pedagógico de todos os métodos, porque conduta moral, ou melhor dizen-

do, consciência moral e norma de conduta não se impõem, mas se criam, mas se educam, mas se desenvolvem. Qualquer método que tente impô-las fatalmente falirá, seja êle suasório, como o das religiões, seja êle imperativo, como o das leis humanas. E falindo êsses métodos, não haverá no mundo nem paz nem liberdade. Isso nos parece lógico, e para mostrá-lo continuemos pondo em confronto o nosso raciocínio e o raciocínio do autor. Continua êle :

«A paz entre os homens e as sociedades civilizadas — que são uma e a mesma coisa — é admissível sómente dentro de uma ordem legal dotada de instituições capazes de tornar efetivos os princípios e as normas sob a forma de leis, dispondo de poder adequado para fazê-las cumprir por todos aqueles que tentarem violá-las.

Esta verdade evidente — demonstrada por toda história da humanidade — dificilmente poderá ainda ser objeto de disputa».

Não nos parece exato; e si nos permite o eminente autor, disputaremos com êle a primazia de demonstrar a evidente verdade.

Com efeito, perguntamos, quais são as instituições capazes de tornar efetivas as leis e que dispõem de poder adequado para fazê-las serem cumpridas? Certo, não serão sómente os poderes legislativo, executivo e judiciário, mas também a cadeia, a polícia, o exercito, em suma — tôda fôrça armada de que temos conhecimento e que sobejam nos dias de hoje. Mas essas instituições não são antes instrumentos de coação e de opressão? Claro está que, si elas são instrumentos de fôrça, de coação e de opressão e por êsse meio impõem as leis e fazem cumprí-las, *continua rem os* sem paz e sem liberdade enquanto precisarmos sustentar essas instituições mantenedoras da lei. O verdadeiro conceito de paz, de liberdade e de lei não deve ser imposto pela fôrça, nem pode ser introduzido no íntimo dos homens; ao contrário, deve ser criado e desenvolvido nele, porque precisa partir do interior para chegar até o exterior. E' o que está patente no Decálogo, aquela síntese maravilhosa de pequeninas leis que jamais foram superadas por legislador humano e que Emery Reves supõe não poderem ser transformadas em realidade. Por se applicarem a todas as criaturas em qualquer tempo ou

país, elas são internacionais; por isso, só elas poderão trazer paz e liberdade entre as nações. Si ainda não trouxeram é porque ainda não as observamos como devíamos. Quando as observarmos fielmente poderemos dispensar todas as instituições necessárias para fazerem cumprir as leis humanas e, também todo o complicado aparelhamento criado para elaborá-las.

Sómente dez leis são precisas para governar os homens.

«Não mateis», diz uma delas; e si não matássemos, não teríamos as guerras; e si não tivéssemos as guerras não teríamos os mercenários da guerra.

«Não cometais adultério», diz outra; e si não cometéssemos adultério, teríamos a pureza dentro de nosso coração; e si tivéssemos a pureza dentro de nosso coração teríamos a paz interior.

«Não roubeis», e si não roubássemos, teríamos mais respeito à propriedade alheia; e si tivéssemos mais respeito à propriedade alheia não seríamos nem egoístas nem orgulhosos.

«Não presteis falso testemunho contra vosso próximo», e si não prestássemos falso testemunho contra nosso próximo conheceríamos a verdade; e si conhecessemos a verdade, ela nos faria livres.

Sinceramente, não vemos o impedimento que há para essas leis se tornarem realidade nos dias de hoje, a não ser a má vontade dos homens, que por isso mesmo sofrem a consequência da sua inobservância.

Falando a respeito dos países do Oriente — «onde vive mais da metade da raça humana» — e confundindo ligeiramente metempsicose ou transmigração da alma com reencarnação, diz Emery Reves: «Esta fé ensina que a alma é imortal, que cada alma passa através de inúmeras reencarnações, e que ninguém pôde mudar, ou tem o direito de procurar mudar sua presente condição de existência. Qualquer desejo de melhorar as condições de vida terrena é um pecado. Sómente pela piedade pôde um homem chegar a melhorar sua sorte, não na vi-

da presente, mas nas reencarnações futuras. A pobreza incrível, a miséria abjeta e a existência sub-animal de sessenta milhões de intocáveis na Índia, por exemplo, não podem ser alteradas, pois acredita-se que êles estão sofrendo nesta vida um justo castigo pelos pecados cometidos nas encarnações anteriores».

A nosso vêr, êsses párias não têm a menor culpa da condição de inferioridade em que se encontram; a culpa cabe ás castas superiores que para se sustentarem no fastígio da opulência monopolizaram os princípios básicos da religião e os puseram a serviço dos interesses sociais, mantendo o povo na mais completa ignorância e servidão. Ao pária que já compreendeu a imortalidade da alma e a reencarnação, diga-se que êle pôde mudar e tem o direito de procurar mudar sua presente condição de existência; diga-se que não pela piedade, mas pelo esforço e pelo trabalho pôde êle melhorar sua sorte, já na vida presente e nas reencarnações futuras, quando pôde vir a ser um brâmane.

Ao brâmane, diga-se que êle deve tratar ao pária como a um seu irmão e igual; diga-se que os pecados cometidos nesta existência também o atingem nas reencarnações futuras, quando pôde vir a ser um pária. Faça-se isso, e êles que antes de nós vislumbraram a verdade, primeiro do que nós serão libertados por ela.

Emery Reves assim finalizou o capítulo que estudamos até aqui: «A sociedade humana sómente pôde ser salva pelo Universalismo. Se as igrejas cristãs não voltarem para êsse princípio central de uma religião e fizerem dêle a doutrina básica de sua prática, elas desaparecerão ante a fôrça irresistível de uma nova religião do Universalismo...»

Os princípios que aquí expusemos sucintamente são universais, como se depreende com facilidade, e constituem as bases do espiritismo. Por conseguinte, êste é o universalismo que há de salvar a sociedade humana e implantar no seu seio o reinado da paz e da liberdade tão ardentemente anelados por nós.

Elídio Taveiros.

A humildade não dissimulada é o caminho mais curto que nos conduz ao aprisco do Senhor. O maior sábio é aquêle que sabe ser humilde.

Camargo.

O Romance de Charles Dickens e o Caso de Laura Edmonds

Os nossos irmãos que têm ocupado esta tribuna, antes de nós, preferiram sempre focalizar fenômenos atuais do Espiritismo. Nós, porém, preferimos ir buscar no pretérito dois fenômenos, escolhendo-os entre os mais singulares, e nem por isso perdem o valor da sua oportunidade, nem o mérito de serem lembrados.

Aludiremos ao traçar esta crônica aos dois fenômenos, acima epigrafados, pelo seu intrínseco valor, no sentido de provar a imortalidade da alma, realidade que tem dado motivo a reiteradas negações dos negadores inveterados.

Trata-se em primeiro lugar do facto contido na admirável obra de *Alexandre Aksakof*—«*Animismo e Espiritismo*», livro que é um grande repositório dos mais variados fenômenos e de irretorquíveis raciocínios. Êle foi pelo autor sub-intitulado: «Ensaio de um exame crítico dos fenômenos mediúnicos», especialmente em relação com as hipóteses da «fôrça nervosa», da «alucinação» e do «inconsciente», e que é também uma réplica à obra do *Dr. Ed. von Hartmann*, denominada «*O Espiritismo*», sendo uma vitoriosa refutação ás críticas feitas por êsse eminente pensador germânico, a propósito das manifestações espíritas.

Alude o caso em análise ao romance *The Mystery of Edwin Drood*, que, pela morte do seu autor, o illustre romanista inglês *Charles Dickens*, foi concluído na América do Norte, dois anos mais tarde, pelo médium James, rapaz de medíocre instrução, simples mecânico que era.

— «Quando se espalhou o boato — diz *Aksakof* — de que o romance de *Dickens* ia ser terminado por aquêlê extraordinário e inusitado processo, o *Springsfield Daily Union* enviou um dos seus colaboradores a *Brattleboroug* (Vermont), onde residia o médium, afim de se informar, no próprio local, de todas as particularidades dêsse estranho empreendimento literário».

Veamos, em resumo, como relatou o reporter as suas observações: — «Convidado por uns amigos a tomar parte numa sessão espírita, James, que não tomava a sério tais fenômenos, considerando-

os méro embuste, foi surpreendido com a revelação de que êle próprio era médium. Voltando no dia seguinte, caiu espontaneamente em *trance* e, tomando um lapis, traçou um ditado dirigido a um dos assistentes pelo espírito de um filho dêste, cuja existência ignorava inteiramente. Em fins de outubro de 1872 — prossegue o jornalista — escreveu James uma comunicação a êle próprio dirigida, assinada com o nome *Charles Dickens*, que lhe pedia uma sessão especial para 15 de novembro, o que foi feito, recebendo então um longo ditado daquête espírito, que lhe dizia haver durante muito tempo procurado um médium, para o auxiliar a concluir o seu romance interrompido, e convidava James a se encarregar dessa tarefa, à qual consagraria o tempo disponível de suas ocupações habituais. Aceito o convite, foi o primeiro ditado transmitido na véspera do Natal, a que *Dickens* votava particular veneração, repetindo-se êsse trabalho por sete mêses consecutivos, de modo que em Julho de 1873 James havia redigido mil e duzentas laudas de manuscrito, representando um volume in-8.º de 400 páginas. As folhas escritas, esparsas pelo chão, não estavam numeradas e James tinha que as pôr em ordem, guiando-se pela continuidade do sentido. Ao comêço, o médium escrevia três vezes por semana e não mais que três ou quatro páginas de cada vez; a seguir, porém, as sessões se tornaram bi-quotidianas e êle escrevia afinal dez a doze páginas, e até mesmo vinte. A letra tinha alguma semelhança com a de *Dickens*. No primeiro ditado era bela, elegante, quasi feminina; mas, à medida que prosseguia o trabalho, ia aumentando de dimensão, a tal ponto que nas últimas páginas era cinco vezes maior que no comêço. Algumas folhas principiavam por sinais estenográficos, de que o médium não possuía o menor conhecimento, e a escrita era tão rápida que difficilmente se podia decifrar».

E assim de modo tão original foi concluída a segunda parte do célebre romance, numa demonstração inequívoca da pre-existência da alma.

No segundo caso, trata-se de um fenômeno de *xenoglossia* obtido com o automatismo falante e a mediunidade audiente, ocorrido com a jovem Laura, filha do Juiz *Edmonds*, caso dos mais importantes, incontestavelmente autêntico e, aliás, muito familiar a todos aqueles que se dão ao estudo da metapsíquica.

Este facto foi relatado pelo Prof. *Charles Richet*, no seu discutido *Tratado de Metapsíquica*, á pag. 272, pela forma seguinte: — «O caso mais impressionante é o de *Laura Edmonds*, filha do juiz *Edmonds*, personagem de elevada inteligência e lealdade perfeita, que foi presidente do Senado e membro da Suprema Côrte de Justiça de Nova York. Laura, sua filha, era católica fervorosa, muito praticante e piedosa. Falava exclusivamente o inglês e aprendêra na escola um pouco de francês. A isto se limitava seus conhecimentos de línguas estrangeiras. Ora acontece que um dia (em 1859) o juiz *Edmonds* recebeu a visita de um grego notável, o snr. Evangelides, que pode conversar em grego moderno com a sua filha Laura. No curso dessa conversação a que assistiam diversas pessoas (cujos nomes são citados no texto), o snr. Evangelides chorou, por lhe ter a médium participado a morte do filho (ocorrida por aquele meio tempo na Grécia). Ao que parece, Laura incarnava a personalidade de um amigo íntimo de Evangelides, um tal *Botzari*, morto na Grécia e irmão do conhecido patriota. Segundo o juiz *Edmonds*, se sua filha Laura conversou em grego moderno com Evangelides e se lhe participou a morte do filho, isso só se poderia explicar admitindo-se que o defunto *Botzari* fosse realmente o outro interlocutor, na conversação. E *Edmonds* acrescenta: Negar isto, de que fui testemunha, impossível; o facto é de tal modo claro e eloquente que, negá-lo, equivaleria, a negar que o sol nos ilumina. Nem poderei, certamente, considerar o facto uma simples ilusão, visto que êle em nada difere de tôdas as outras realidades com que deparamos em qualquer período da nossa existência. Acresce que tudo se passou na presença de oito ou dez pessoas cultas e inteligentes. Nenhuma delas vira jamais o snr. Evangelides, que me fôra apresentado por um amigo naquela mesma noite. Como, pois, ha podido Laura participar-lhe a morte do fi-

lho? Como se explica que haja falado e compreendido e grêgo moderno, lingua que nunca ouvira falar?»

Sôbre o acontecimento relatado são passados setenta anos e mau grado os progressos até aqui levados a efeito no vasto campo das investigações metapsíquicas, contudo, ninguem estará possibilitado a fornecer explicação contrária da que o íntegro juiz apresentou, segundo a qual o fenômeno observado necessariamente implicava a atuação do defunto amigo do consulente.

Segundo o próprio conceito do Prof. *Richet*, o caso Evangelides é o mais notável de quantos se deram com a jovem médium, uma vez que esta, noutras circunstâncias, chegou a conversar em oito ou dez linguas diferentes.

Todavia — informa ainda o Juiz *Edmonds* — «minha filha apenas conhece o inglês e um pouco de francês. Tem, no entanto, conversado em francês, grêgo, latim, italiano, português, polonês, hungaro, assim como em vários dialetos indianos. *Frequentemente não comprehende o que diz*, mas o consulente lhe comprehende sempre as palavras». (*Letters and Tracts*), pag. 198.

O facto do médium não compreender em estado de vigília a significação das palavras proferidas automaticamente pelos próprios lábios, comprovam cabalmente, encontrar-se ela na fase de «posse mediúnica», na qual uma entidade estranha se utilizava do seu faringe, para expressar-se. Não ha outra solução para o suposto enigma. A hipótese das «personalidades sub-conscientes», em combinação com a da «cryptomnésia», arguida por alguns para justificá-lo, não resiste a um ligeiro confronto, uma vez que o médium não comprehendia a lingua em que conversava.

E apesar dessa esmagadora evidência, os sábios materialistas continuam a negar. Muito lucrariam eles se deixassem de lado a sua obstinada prevenção de tudo negar, aprioristicamente.

Considerando que a sabedoria é infinita, e que só atingiremos à perfeição absoluta, quando formos *sábios e puros*, como afirmou Jesus, toda negação obstinada em não prescrutar o ignorado, denuncia fraqueza de caracter, e assim, não

dá, a quem dêse modo procede, o direito de se considerar sábio em coisa nenhuma.

Desde todas as épocas, a Humanidade tem sentido os efeitos terríficos dos negadores *à outrance*, os quais não trepidaram em cometer os mais hediondos crimes, no sentido de se manterem irredutíveis nas suas negações.

Na História da Humanidade há uma imensa lista de sábios imolados nas aras

do sacrifício pelo estremado amor à causa da Verdade.

E muitos anos terão que passar ainda na esteira dos séculos, para que a Verdade possa penetrar em muitos cérebros e consciências! Confiemos e Esperemos!

Paz e Luz.

J. B. Chagas.

Nova Iguassú, Março de 1947.

🌿 Livros e Autores 🌿

NOVOS RUMOS À MEDICINA E MEDICINA E ESPIRITISMO, de Inácio Ferreira, Uberaba.

Mais dois livros de uma só vez do dr. Inácio Ferreira!

Para nós, os livros em análise do ilustre autor, relacionando a Medicina ao Espiritismo, representam mais, muito mais do que seus argumentos substanciosos contra o materialismo da medicina oficial; do que sua maneira clara e incisiva de expôr e analisar os assuntos; do que a exposição eloquente de sua grande experiência de médico e de espírita. Representam, acima de tudo, a coragem de um médico, de um homem e de um espírita, desusada em nosso meio.

Fundamentemos e historiemos a afirmativa.

Foi há oito anos, precisamente.

Havia sido lançada a *Hora Espírita Radiofônica*. Contra ela, alevantou-se a «Sociedade de Medicina e Cirurgia», apelando para os ministros da Educação e da Justiça afim de impedir-se sua irradiação. Para que ela não fôsse inaugurada. Tudo podia o Governo todo poderoso, dentro do discricionarismo do regime. Contudo, a H. E. R. foi ao ar e no ar permaneceu cinco anos. A imprensa, à cata de sensacionalismo, visando, é claro, vender jornais, que não elucidar as massas, entrou a ouvir medalhões da medicina carioca a respeito do Espiritismo. E foi um desfiar de injúrias, aleives e falsidades que saíram dos lábios e da pena de médicos, grandes e pequenos. Desde o Austregesilo ao Carlos Fernandes. Desde o Henrique Roxo ao Oscar Pimentel. To-

dos tinham muita saliva a cuspinhar sobre a maravilha mais maravilhosa dêste século de maravilhas: o Espiritismo!

Nenhum médico espírita—e ha tantos no Rio, boas penas, bela cultura, apreciável valor—saiu a campo para defrontar-se com os medalhões. A «*Liga Espírita do Brasil*», no empenho de tomar uma atitude digna, chegou a convocar uma reunião de médicos espíritas na sua sede, distribuindo, com muita antecedência, convites e avisos pela imprensa e pessoalmente. A reunião se realizou, com seis médicos, apenas, presentes! Seis, sómente! E nenhuma atitude à altura do momento se tomou. Foi por isso, exatamente, que, nós, «o pai da criança», que era a H. E. R.,—que saiu de nossa iniciativa e foi ao ar sob a nossa direção,—saimos a campo a responder, como pudemos, aos medalhões da medicina. Munimo-nos de livros de psiquiatria, que até então desconhecíamos, e toca a queimar as pestanas e muito fósforo neles. Mas, de tamanho esforço e arrêjo nosso saiu uma série de artigos, que andamos publicando em *Diário da Noite*, *A Nota e Vanguarda*. Artigos que apareceram depois enfeitados no *Pigmeus contra Gigantes*, volume esgotado para logo, que aparecerá, brevemente, em 2.^a edição.

Pois bem: Dr. Inácio Ferreira, que não era do Rio, mas de Uberaba, veio em nosso auxílio, emprestou-nos a jóia de sua colaboração e de seus recursos científicos. Saiu a campo contra seus colegas, mostrando-lhes que estavam enganados e proclamando bem alto as excelências da terapêutica do Espiritismo.

Seus livros, portanto, para nós, sô-

bre ter o valor que realmente conservam, é justo se lhes reconheça mais êste. E é, para nós, o maior de seus méritos.

Medicina e Espiritismo é já uma 3.^a edição, que as duas primeiras, porque uma em castelhano, já se esgotaram. É um livro, portanto, que vem confirmar a dupla glorificação que já obteve, vantajosamente.

Novos Rumos à Medicina é, porém, obra nova. É a única no gênero, no Brasil e fóra daqui. Um grande livro! Indispensável nas mãos de todo médico, espírita ou não, na estante de todo espírita que acompanhe a evolução da Doutrina, na bibliotéca de todo estudioso. O grande livro é dedicado aos entes mais queridos ao autor: desde «*As sombras amigas*» (os Espíritos) a cuja dedicação deve tantos informes, até Cairbar Schutel, o espírita n.º Um, até hoje, do Brasil; a seus amigos da *Revista Internacional do Espiritismo*, onde saíra, antes, quasi toda substância do volume. Entre uma e outra dedicatória: à de Pierre e Paul Janet, Bezerra de Menezes, d. Maria Modesta Cravo. Abre-o uma apresentação do próprio autor, oportuna e clara, um estudo substancial e claro sôbre as moléstias nervosas, desde sua origem até a moderna Psicoterapia. Estudo feito a golpes firmes de lógica, observação e análise que, certo trará novos rumos à medicina, ficará na história da medicina como clarões refulgentes de novos horizontes, que se abrirão à ciência e à arte de curar. A obra é ilustrada com exemplos vivos do que ensina e prova. O autor pega o enfermo, expõe-lhe a fotografia, a ficha de internação no *Sanatório Espírita de Uberaba*, faz a exposição de sua enfermidade, estudada à luz da medicina oficial e da terapêutica espírita e relata o facto anterior que o levou à loucura, à obsessão: sempre a influência terrível de espíritos, uma história dolorosíssima do passado, revivido numa vingança terrível, que os ofendidos de ontem estão tirando. Êsses relatos valem por fortes ensinamentos. e sob o ponto de vista literário, são verdadeiras páginas de Edgar Pöe. E ficamos a ver que, nos casos de loucura, que vão superlotando todos os manicômios, 90% ou mais, não passam de tremendas obsessões, que só o Espiritismo pôde, realmente, solucionar.

Novos Rumos à Medicina é obra em grande formato, de quasi 300 páginas,

impressa em excelente papel, edição das oficinas de *A Flama* que, dêste modo, se vai afirmando como uma casa impressora capaz como as que mais o forem.

Somos, de nossa parte, muitas vezes reconhecido a seu autor, uma grande amizade que nos prezamos de cultivar, pelos volumes que nos couberam com honrosa dedicatória.

* * *

NOS UMBRAIS DO ALÉM — W. Barret, tradução de Isidoro Duarte Santos, Lisbôa.

Quem escreve para o público expondo opiniões críticas sôbre obras publicadas, além de grande responsabilidade perante a própria consciência, seus leitores e quem lhe enviou seus volumes, deve conservar uma linha de justiça e franqueza que possa inspirar confiança a todos.

Só aceitamos o crítico doutrinário, quando êle se faz um legítimo porta-voz do valor das obras que recebe, valendo, por isso mesmo, suas apreciações generosas aperitivos servidos aos que o lêem, de molde a despertar apetites para a aquisição da obra apreciada.

Nossas apreciações crítico-literárias, nesta Revista, terão sempre esta feição.

A obra, seja de quem fôr, de amigo ou desconhecido, de afeiçoado ou não, dela diremos, sempre, o que sentirmos, com muita sinceridade e que de outro modo, não sabemos expender, certo ou errado, opinião e conceitos.

Gostaremos de dizer sempre coisas belas, que, desvanecendo-nos, saibam suavemente aos autores, aos leitores. Nem por isso, deixaremos de exteriorizar o que não gostaríamos de fazer, desde que a tanto nos impila a natureza da obra.

Sentimos, neste momento, que não diríamos o suficiente, pelo muito que dissessemos, de um volume que acabamos de lêr.

NOS UMBRAIS DO ALÉM, foi o volume que acabamos de lêr. Veio-nos de Lisbôa, oferta graciosíssima de seu illustre tradutor, Isidoro Duarte Santos. Edição da *Gráfica Estudos Psíquicos*, obra que nos lembra, sempre que recebemos a revista de igual nome, — e uma das mais bem feitas que temos, se não fôr a mais bem feita — um gigante, um Briareu com

os seus cem braços ocupados a difundir o Espiritismo, que é Isidoro Duarte Santos.

NOS UMBRAIS DO ALÉM é um Livro, no sentido exatíssimo do termo, Livro de cientista, de pensador, de analista frio, sério e seco. Só agora em língua portuguesa. Foi escrito para atestar cientificamente, a veracidade dos factos espíritas. E de tal modo o faz, com tal isenção de ânimo, que ninguém haverá, por mais céptico e agnóstico, que possa duvidar da realidade a que chegara o grande cientista da Universidade de Dublin. Leia-se isto, que se terá julgado da independência de atitudes do autor, à pag. 293: «Eu não defendo Eusapia (a célebre médium italiana Eusapia Paladino) pela qual sinto repulsão, mas, é preciso ser justo mesmo com o diabo», para concluir pela veracidade dos fenômenos, a despeito de reconhecer que, ás vezes, a médium «trapaceia sem pudor».

Não sabemos sinão rudimentos insignificantes de inglês. Não acreditamos, contudo, que a obra no original leve alguma vantagem à tradução. Isidoro Duarte Santos tem amor à causa, desvela-se

pela Doutrina. Escreve bem. Seu estilo é atraente e claro. É um purista no sentido real do termo. E tudo isto ha de, por força emprestar maior brilho e importância à obra. Além do mais, o livro é admiravelmente bem coordenado, concatenado. Um compêndio pedagógico, de que se sai convencido mais do que o suficiente da matéria de que trata. Dividido em cinco partes e um apêndice, que não deixa de ser, também, uma parte, e substanciosíssima, o autor trata de todos os fenômenos mais importantes do Espiritismo, analisando-os todos, a frio e a seco, naturalmente.

Um grande livro, no sentido literal do termo. E muito bem apresentado graficamente, que a *Editora Estudos Psíquicos*, de Lisboa e do Isidoro Duarte Santos, se prima pela escolha das obras editadas, não deixa, também, de primar pela apresentação gráfica com que no-las dá.

Gratissimo pelo exemplar que recebemos, enfeitado com uma dedicatória que muito nos sensibiliza e desvanece.

Leopoldo Machado.

Sugestão e Atitude Mental

Adauto de Oliveira Serra

— X I —

O feliz êxito no tratamento dos doentes mentais, depende de como serão êles tratados, isto é, urge criar em torno deles um ambiente de «não constrangimento». Em primeiro lugar, um exame de suas glândulas de secreção interna para se verificar si o máu funcionamento de uma delas, não é o responsável pelo mal. Depois o tratamento de observação, afim de verificar as tendências do doente mental.

Quando a sífilis é a causadora de paralisia geral ou de demência, (paresia), o tratamento consiste em provocar no doente, uma febre artificial ou natural pela malária. Dado que a maleita produz uma grande elevação da temperatura, os espiroquetas da sífilis não resistem e morrem. O doente sára da sífilis e de suas consequências e depois recebe outro tratamento para ficar curado da malária. Chama-se a êste processo, malarioterapia.

Os tratamentos naturais consistem

em «fazer reviver a personalidade normal do paciente, orientando-o habilmente, aproveitando as suas inclinações. Que mal ha em um demente em se proclamar rei? E que mal ha em tratá-lo por magestade?

Ha ainda o tratamento pela insulina e pelo cardiazól que provocam violentas convulsões até ao ponto de deslocar a maxila ou os membros. E quando os doentes voltam de uma espécie de estupor que durou uma hora, o seu estado mental melhora.

As principais moléstias mentais, são: arteriosclerose cerebral, paralisia geral, demência precóce, paranóia e melancolia involutiva, loucura maníaco-depressiva, personalidades psicopáticas, loucura alcoólica e psiconeuroses.

O alcoólatra ou a pessoa que abusa do uso de bebidas alcoólicas, acabará, infalivelmente, na cadeia, no hospital ou manicômio. É êsse o triste fim do beerrão inveterado. Não ha alternativas. E

si ainda fôsse êle o único prejudicado! Mas não. O pior é que além de se prejudicar a si próprio, perderá a sua própria descendência, transmitindo aos seus filhos terríveis moléstias nervosas e mentais, como a epilepsia, etc. Pensando em si próprio e principalmente em sua prole, um homem sensato jamais se deixará escravizar pelo nefasto vício de beber. O álcool agindo sobre os «freios inibidores», faz o bebedor perder o controle sobre si mesmo e praticar desatinos, passando a agir instintivamente, abdicando da razão e da inteligência. Por isso é que se diz: No vinho está a verdade, porque o indivíduo sob a ação do álcool, fala o que não deve e não quer.

Enfraquecimento do sistema nervoso, abaixamento do poder de resistência orgânica contra as infecções, inflamação crônica do fígado, perturbações digestivas, esterilidade das glândulas sexuais, modificação do caracter, relaxamento moral, abatimento espiritual, são as principais consequências do abuso de bebidas alcoólicas, que irão se agravando até o «delirium tremens», o colapso e a morte.

A psicanálise analisando a personalidade do indivíduo, desvendando os segredos de seu subconsciente, prescrutando o seu íntimo, é uma poderosa auxiliar no tratamento das perturbações mentais.

Jung, por exemplo, dividiu os homens em introvertidos e extrovertidos. Os introvertidos focalizam a atenção em si mesmos, (poetas ou romancistas), e os extrovertidos, no mundo exterior, (negociantes ou políticos).

Torna-se necessário, diz Alder, examinar o objetivo da vida do paciente, afim de levá-lo a um reajustamento mental. E Freud quer os mínimos detalhes das recordações esquecidas da infância, desejos sexuais, instintivos, etc. A psicanálise visa extirpar os defeitos psíquicos, completando o tratamento o aumento das qualidades, por um novo reajustamento psíquico.

«O tratamento compreende a adoção de medidas que sirvam para formar, reforçar e consolidar as funções integra-

tivas e construtivas do paciente. Deve-se tornar clara a êste, o quanto possível, a realidade, e guiar-se-á o paciente, com cuidado, nessa direção, tomando-se como pressuposto que êle tem suficiente interesse e energia para convergir os seus impulsos para ela», a realidade.

E todos êsses casos a sugestão desempenha um dos mais importantes sinão decisivos papeis na obtenção de uma cura.

O dr. Bisch disse que «ser normal, é não ter motivos para jactâncias» e «que o nevropata nasceu com excessiva energia nervosa requerida pelas grandes realizações. Mas nasceu em um mundo de pessoas normais. Assim, sua capacidade de maiores reações nervosas, o embarça. As vezes o excesso dessa energia consegue o derivativo de escrever romances ou pintar quadros. Entretanto, na maior parte das vezes, ela se expande de dores imaginárias, em temores desnecessários, e em insignificantes mas perniciosas obsessões».

Tudo, pois, questão de ajustamento e ambiência propícios para levar o doente ao caminho da cura. Um louco se aproxima de um gênio pelo excesso de energia que ambos possuem. Ambos são anormais. Normais somos nós, (a quasi totalidade), «que não temos motivo para jactâncias...»


Os males que afligem a humanidade não são só os de causas orgânicas, mas principalmente psíquicas, que podem ir até aos «estados de angústia», motivados pelas contrariedades, circunstâncias difíceis, insatisfações, embarços, tudo enfim que encontramos a cada passo no meio social onde vivemos. E os sintomas físicos aparecem: desânimo, aflição, cansaço, fraqueza, palpitação, vertigem, má digestão, etc., quasi todos de origem imaginária, oriundos «como um refúgio inconsciente de quem não tem forças para encarar de frente as dificuldades da vida».

São doenças de origem psicológica ou fundamentalmente neurótica, que uma falsa ou viciada imaginação criou. O médico é preciso ser por demais perspicaz para saber si o paciente sofre do corpo ou da alma, afim de evitar que esses casos se tornem em perturbações mais graves.

O verdadeiro cristão é amoroso, tolerante, humilde, perseverante e sem vícios. Aquêle que se afirma cristão e não tem essas virtudes, mente a si mesmo.

Camargo.

A Missão do Paracleto

 longa história da humanidade é bem uma sucessão de acontecimentos, que se reproduzem, periódicamente, e cada vez mais intensos, visando despertar as coletividades para o verdadeiro fim criado pela Suprema Inteligência do Universo.

O homem, como expressão mais evoluída da escala animal, não pôde fugir ao imperativo das leis naturais. Evidentemente, não estamos à mercê de forças cegas e inconscientes. Tal concepção implicaria numa verdadeira aberração da sublime harmonia, que em tudo se manifesta. A razão perturba-se ao analisar a complexa estrutura universal e a inteligência insaciável não se cansa de indagar, perquirir e dissecar os fenômenos, para satisfazer ao ardente desejo do espírito, de tudo saber. Em cada ângulo do universo, ela sente que vibra um influxo superior, causa determinante da evolução da matéria, da energia e da própria vida, tudo subordinado a um plano genial, emanado da grande Lei, verdadeiro centro de atração e irradiação.

Ao contemplar o maravilhoso panorama cósmico, uma indefinível sensação de conforto e bem-estar invade o espírito. Através de sutil intuição e dentro da relatividade de sua compreensão, o homem percebe que é parte integrante dessa grandiosa obra, eterna, indestrutível, que se movimenta no seio do infinito.

Por que razão, pois, a humanidade parece constituir uma nota deslegante no impecável e magistral cenário da Criação?

Por ventura, as leis que presidem à nossa evolução moral e espiritual serão menos rigorosas e precisas que as que regem a matéria e a energia? Constituiremos, por acaso, um todo à parte no pensamento do Artífice da natureza? Por certo não.

Deus, ao criar o Universo físico, criou, como complemento indispensável, o Universo psíquico, que abrange todas as manifestações de vida. Não receiamos cometer erro em afir-

mar que o orbe foi planejado e concebido exclusivamente para nós. Sim, para nós, repetimos, porque Deus, sendo a absoluta perfeição, dispensa, naturalmente, a criação de cousas para a sua própria satisfação, uma vez que Ele já é o alfa e o ômega.

Frente, pois, a essa aparente iniquidade, qual seja o cáos em que se debate a consciência humana, devemos convir em que a causa do desequilíbrio reside unicamente nas unidades integrantes—os homens. Tanto assim que nos tempos atuais ainda se confunde civilização com progresso material. Mede-se aquela com unidades dêste. Aí está o grande mal que hoje, como na antiguidade, grassa entre os povos da terra. No campo espiritual, o homem está ensaiando, ainda, os seus primeiros passos. Corroborando a nossa afirmativa, estão os nefastos acontecimentos que acabaram de enlutar o coração da humanidade. Entretanto, nunca faltaram códigos de moral para os povos, de acôrdo com o grau de sua evolução. Através dos séculos e dos milênios, a sabedoria divina foi pródiga em espargir luzes sôbre as gerações da terra. Dêste modo, surgiram na esfera terrena Zaratrusta, Confúcio, Buda, Moisés e, finalmente, Jesus—o Divino Instrutor.

O Mestre iniciou, com a apresentação de sua doutrina impregnada de amor e perdão, uma nova era, a do império da luz sôbre as trevas, do bem sôbre o mal, do amor sôbre o ódio. Demonstrou a existência da sublime lei da evolução natural do espírito, que se resume nos elevados princípios de fraternidade. Todavia, o Messias, sabedor de que seus ensinamentos seriam, no transcurso das idades, objeto de contendas e dissensões entre os povos, prometeu enviar, em época oportuna, o Paracleto com a finalidade de rememorar e reviver a palavra da verdade e da justiça. Hoje, quasi dois mil anos após a eclosão do maior acontecimento de todos os tempos, confirma-se, solenemente, a anunciação de Jesus. A luz da 3.ª Re-

velação — o Consolador prometido — já despontou nos horizontes dêste mundo, mundo que é ávido de paz e de justiça, como prenúncio de uma era de grandes transformações morais e espirituais. Com o seu advento, desaparecerão as apreensões da face da terra e o homem, no dizer do iluminado Léon Denis, «saberá compreender e abençoar a vida; cessará de recear a morte. Há de, por seus

esforços, realizar na terra o Reino de Deus, isto é, da paz e da justiça e, chegado ao têrmo da viagem, sua derradeira noite será luminosa e calma como o ocaso das constelações, à hora em que os primeiros albores matinais se espraíam no horizonte».

Walter R. Accorsi.

Piracicaba, 8/XI/946.

Trinta Anos Entre os Mortos

© Autor: Dr. Carl A. Wickland ©

(Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Devemos olhar um assassino, de modo diferente. Há dez espécies diferentes de assassínios. Há quem mata por um repente de cólera e êste não é um verdadeiro assassino. Na realidade, aquêle que o cometeu não teve intenção de matar, mas perdeu o domínio sôbre si próprio. Como é natural, não tem outro remédio que sofrer e fazer o bem pelo mal que fez.

Veem a seguir o que mata a sangue-frio, o que traça minuciosamente os seus planos, o que mata para apoderar-se de dinheiro. Acontece ser uma pessoa de aspecto agradável e bondoso e que vai, com frequência, à igreja. Mata lentamente, à fôrça de maus pensamentos. No mundo dos espíritos o aguardam grandes sofrimentos, porque tem de compensar todas as suas más ações desde o momento em que começou a pensar no assassinato.

Vem depois o homem psíquicamente sensível, que não se preocupa com nada. De ordinário não pertence a nenhuma crença religiosa e toma todas as coisas pelo seu lado fácil. Carece de vontade; o que não faz hoje pôde fazer amanhã ou outro dia. Acontece então que um espírito astucioso penetre dentro de sua aura magnética e o domine, fazendo-o cometer algum crime, pelo que é condenado à fôrça, embora não seja quem realmente o praticou. Em certas ocasiões diz: «Estaria eu embriagado quando o cometi, porque não

me recordo de nada», mas a causa não foi a bebida. O alcool não faz isso. Quando um homem está bêbedo, sua inteligência se acha em estado de atordoamento. O autor do crime é um espírito. A's vezes tal espírito foi durante sua vida, vítima de qualquer injustiça e só deseja vingar-se. Como a lei não pôde determinar o verdadeiro grau de culpabilidade do autor do crime, condena-o à fôrça. A maioria dos assassinatos e assaltos são obra dos espíritos, que não fazem outra coisa que planejar os seus crimes, valendo-se de algum mortal como instrumento de execução, e assim permanecem até que, num belo dia, despertam e compreendem todo o mal que estiveram fazendo.

Quando eu vivia em Chicago me chamavam Minnie Morgan, ainda que, na realidade, tal nome não me pertencesse e não quero dêle servir-me daqui em diante, pois me causa horror. Esta noite não quero ainda dar o meu nome. De facto, devemos ter méritos para ganhar um nome e, até agora, não ganhei o meu. Durante os vinte cinco anos que decorreram desde a minha morte, não logrei progredir bastante para ganhar um nome. Sou feliz e sei que chegarei a ganhá-lo e então todos me chamarão por êle.

As pessoas, que durante as suas vidas terrenas, se ajustaram aos ditames do bem e marcharam pelo caminho reto, se encontram, ao morrer,

com boa quantidade de parentes e amigos que vêm ao seu encontro. A mim não me esperava ninguém. Nenhum amigo veio a meu encontro, porque havia caído muito baixo. Não tinha outro amigo que a morfina.

Tenho de progredir passo a passo. Dedico-me a fazer o bem no mundo de perdição, ajudando essas infelizes que vivem a vida que eu vivi. Durante a minha vida terrena andei entre os que estavam dominados pelo vício da morfina; agora me dedico a auxiliá-los para que dominem esse mesmo vício. Esta é a minha missão. Não é agradável, mas não tenho outro remédio que cumprí-la. Alguém tem de dedicar-se a ela. Porque não havia de ser eu? Sofro com os que sofrem com tal vício e os ajudo com a minha simpatia, porque também já me vi como eles.

Dedicaí a êsses infelizes a vossa simpatia e os vossos bons pensamentos, porque com eles lhes prestareis bom auxílio. Como vós não passastes por tais coisas, não fazeis uma idéia exata do que significa achar-se em semelhante situação. Cada alma que posso fazer volver para o bom

caminho, significa mais um passo para o céu. Notai bem o que digo: é para mim mais um passo para o céu. Quanto maior for o número das que socorro, tanto maior será a minha felicidade. O dia chegará em que poderei sair dêste estado, porque terei progredido o suficiente para passar para o lado espiritual da vida.

Não censureis os que tombaram; lembrai-vos de que foram fracos. Concentrai sôbre eles os vossos bons pensamentos e rezai esta oração: «Deus, ajudai-os para que eles recuperem a sua vontade e vençam os seus vícios!» Projetai vossos pensamentos para ajudá-los a dominar-se. Não lhes envieis pensamentos máus ou pouco caritativos.

A próxima vez que visitar-vos dar-vos-ei a conhecer o meu nome, porque então eu já terei ganho um.

Agradeço o auxílio que me destes para pôr-me no bom caminho, porque sou feliz auxiliando os demais, mas resta ainda escalar uma montanha abrupta para alcançar a felicidade total.

Bôas noites.

Reivindicando lugar para Kardec e a Filosofia Espiritica

(Discurso de Delfino Ferreira ao ser recebido na Sociedade Brasileira de Filosofia, em 30-10-1946, a cujo seio fôra escolhido, como membro efetivo, em Sessão de Dezembro do ano findo).

Exmo. Snr. Presidente, Ministro Almirante Raul Tavares;

Exmos. Snrs. Diretores, Membros da Mesa;

Exmos. Snrs. Representantes da Federação Espírita Brasileira, da Liga Espírita do Brasil, da Faculdade B. de Estudos Psíquicos e de outras Sociedades Culturais e da Imprensa;

Exmas. Senhoras e Senhorinhas;

Exmos. Snrs. e Membros desta Sociedade:

E' timidamente e como que estonteado que, assomando até vós, me faço aqui, pela primeira vez, ouvir. Por pouco tempo, porém, vos cansarei com mi-

nha palavra que não vos vem trazer nenhum acréscimo de sabedoria. Não, pois, vos tomarei o tempo, qual me cumprira fazer, outro fôra, como, no meu caso, felizmente não é, o processo, melhor dizendo, o ato de recepção a novos membros dêste augusto Cenáculo, cujos destinos parecem ainda — sentimo-lo bem — influenciados pela irradiação espiritual, pela luminosa inteligência e profundos sentimentos de bondosa fraternidade do inesquecível, meritíssimo General dr. Moreira Guimarães, nome que declino reverentemente respeitoso.

Sim, Exmos. Snrs., outro fôra, dizíamos, o programa de recepção de novos membros desta Casa, por todos os tí-

tulos ilustres, que não o de constituir-se em objeto secundário de vossas reuniões com o aproveitamento de uma de suas augustas assembléias para algo de principal, caber-me-ia a oportunidade, se não mesmo o dever, que, dêsse modo, felizmente me não cabe,—felizmente para vós e principalmente para mim que me vejo destarte poupado a um esforço talvez superior ás minhas possibilidades—de maior ser minha presença nesta tribuna.

Assim, duas razões apenas, dois motivos tão só, me põem ante vós, dentro das instruções que, para minha orientação, obtive da gentileza do Exmo. Sr. 2.º Secretário, Major dr. Manoel Carlos de Sousa Ferreira.

Estes dois motivos são: 1.º, agradecer-vos a nímia bondade de meu acolhimento como vosso par nesta Sociedade, expoente cultural de nossa nacionalidade; e, 2.º, expôr, sinteticamente, as diretrizes filosóficas que me orientam o pensamento.

Por esdrúxulo que possa parecer começarei pelo fim, rogando de antemão que, não me julgando pela aparência, destarte observando o preceito filosófico de Jesus a respeito, não me tenhais na conta de extravagante seguidor do burlesco e popular conceito de que isto seja ser filósofo...

Começarei pelo fim, Srs., porque, para agradecer a honra que me conferistes, quero, preciso e devo deixar patente que meu agradecimento se faz maior do que o comum dos agradecimentos aquí com alta justiça sempre apresentados, e com tanto brilho de fôrma postos sempre, porque não visa apenas a distinção feita à minha pessoa, a dignidade a que elevastes minha personalidade, mas sim o vosso alto respeito a essa mesma diretriz filosófica a cujo âmbito busco submeter-me, e que não desconheceis qual seja, embora universalmente conhecido o vosso espírito de tolerância, o qual obriga, sob o real conceito de Filosofia, ao de liberdade.

Sabeis, Srs. — e cumpre-me apenas oficializar com a minha confirmação — que adote a corrente filosófica codificada por Allan Kardec, não ignorando, embora, não figure ela ainda entre as Escolas reconhecidas.

E adoto-a porque, a meu ver e a meu sentir, a Filosofia Espirítica, codificada, como disse e o sabeis, por Allan

Kardec, pseudônimo científico e literário de Léon Hipolyte Denisart Rivail, naturalista, médico, advogado, professor, pedagogo e discípulo emérito de Pestalozzi, filólogo e poliglota, escritor e filósofo, que viveu no século passado em França onde nasceu em 3 de Outubro de 1804, na cidade de Lyon, morrendo na de Paris, aos 31 de Março de 1869; a Filosofia Espirítica, não tendo dito a última palavra de seus ensinamentos, por isso que seu conjunto constitúe uma Doutrina que se caracteriza em ser fundamentalmente, essencialmente evolutiva, resolve — e em parte experimentalmente — o grande problema (eterno para outras correntes de investigações) do Conhecimento do homem.

A Filosofia Espirítica não nos dá sómente o conhecimento teórico da integral que somos, confirmando teorias antigas, que de Descartes passando por Leibnitz e Euler culminaram em Cudworth com seu «mediador plástico», mas demonstrou, experimentalmente, esclarecendo e completando essa teoria e os trabalhos do Magnetismo e Hipnotismo, a existência desse mediador entre a alma e o corpo na estruturação do homem, mediador que é a chave de todos os fenômenos que, em grande número, continuam problemas para a Psicologia digamos, acadêmica, dada sua orientação científica materialista, não obtante pontificando numa sociedade, numa civilização espiritualista.

A Filosofia Espirítica vai além, porquanto, embora não haja ainda demonstrado praticamente, experimentalmente, a origem do homem, oferece, todavia, racionalmente, o conhecimento dessa origem, bem como assinala, de certo modo experimentalmente, o destino daquilo que no homem é, na lição evangélica de Jesus, a realidade, ou seja a alma.

Dentro mesmo, em consequência dêsse destino logicamente assinalado, destino que se fundamenta na Lei da Evolução, lei esta que, sob determinado aspecto se destaca ou se distingue da de Causalidade que tanto atinge ao indivíduo como ás coletividades, sejam família, raça, nação, e, assim, ao seu conjunto que é a Humanidade planetária e total (universal), a Filosofia Espirítica completa e ilumina a teoria, por si só sem expressão, do Determinismo Histórico, do mesmo modo que ilumina—porque lhe completa

o sentido da atuação — a própria Lei de Causalidade ou de Causa e efeito.

Por isto é que a Filosofia Espirítica é apolítica, adogmática, não sectarista. Não é, mesmo, crítica nem violenta como no fundo a Filosofia de Hegel, embora profunda e extensamente revolucionária ao mesmo passo conservadora, tal como a vera Filosofia do Cristo.

E' que a Filosofia Espirítica em sua profunda ação revolucionária, demolidora de velhos preconceitos, antigos dogmas científicos, filosóficos e religiosos, e extirpadora dos alicerces de velhas estruturas em todos os campos da atividade humana, é sabiamente evolucionista e assim conserva o que está destinado à demolição até o justo momento, diremos mesmo científico momento da necessidade, da oportunidade da demolição. Está nisto a sua ausência de violência.

Caberia aquí declinar os princípios que lhe dão, que lhe proporcionam êsses efeitos. Não estou, porém, defendendo uma tése, tão só expondo, de certo modo justificadamente, e em síntese necessária, dado o nosso programa de hoje, a minha orientação filosófica.

Devo, todavia, lembrar que a Filosofia Espirítica, justo porque esclarece e completa o sentido da Lei de Causalidade como as razões do Determinismo histórico, êste mais unilateralmente ainda do que a imperfeita compreensão universal daquela, não é fatalista. E não o é porque crê na Liberdade, condicionada, entretanto, ao Conhecimento.

Jesus afirmou: «Buscai a Verdade e a Verdade vos libertará». A Verdade é o Conhecimento das cousas, do homem, dos mundos, de suas leis. E' a Sabedoria, soma de Ciência, Filosofia e Fé, ou seja Ciência com Deus, Deus concebido de fórmula a mais alta possível ao homem, consoante, naturalmente, à infinita gradação de sua evolução, sobretudo moral.

Srs., não devendo prolongar-me, tive a honra de, embora mal, expor a tão culto auditório e ao conspícuo corpo social desta ilustre Companhia a corrente filosófica a que me filio e o porque; corrente que sei, como inicialmente afirmei, não incluída ainda no quadro das diversas Escolas filosóficas reconhecidas. Vem daí o meu agradecimento maior, a vós, Srs., que aquí me acolhendo como vosso par, sabendo embora, pois o sabieis, e is-

to assinaei de começo, a natureza de meu pensamento filosófico, estais iniciando uma obra de justiça que enaltecerá a cultura brasileira, o pensamento brasileiro, e assim à própria Filosofia no mundo, qual a de abrir-se no quadro das Escolas Filosóficas o lugar, a que já se impõe, á Filosofia Espirítica; e, na galeria luminosa dos grandes filósofos da Humanidade, um lugar para Kardec!

Agradeço-vos, pois, Srs., muito mais pela Filosofia Espirítica, que defendo, do que por minha pessoa — que nada é nada vale — o acolhimento do meu nome, de minha personalidade anônima, trivial e obscura, como vosso par, vosso companheiro, vosso irmão, com voz neste verdadeiro Tabernáculo da Sabedoria, por isso que vejo em vossa atitude — que neste particular não se manifesta pela primeira vez, o que fortalece minha convicta esperança — a aurora, a madrugada de luz daquela justiça.

E por último, Srs., o que devêra ser primeiro, meu agradecimento pessoal por minha entrada para esta Casa.

Não vos apresento, Srs. um agradecimento praxista, de simples cortezia. Não. E, por isto mesmo, honrando vosso alto critério, não vos digo que me fizestes um favor, que me investistes de uma dignidade que me não cabe, porquanto reconheço que filósofos como vós, e amantes da Filosofia apenas pouquíssimos, a cuja ala diminutíssima me incorporarei, não me agalharieis entre vós, não me receberieis aquí, constrangidos à aceitação de uma proposta amiga nêsse sentido; dado que nenhum de vós, e, já agora, permitido me seja dizer nenhum de nós, será capaz de propor e de aceitar para nosso par quem digno não seja desta douta e digna Companhia, não apenas como homem de bem, mas como filósofo ou pelo menos amante e estudioso da Filosofia.

Possível mesmo descubrais em muitos êsse amor à Filosofia, em gráu mais do que simplesmente potencial e que o próprio não haja, talvez, percebido em si mesmo.

Por isto, agradecendo-vos, não digo fôstes magnânimos para comigo, sim que, com vossa sabedoria, vossa acuidade, vossa experiência, vislumbrastes em mim o que eu mesmo ainda não percebera.

Muito obrigado, pois, à Sociedade Brasileira de Filosofia por minha inclusão

em seu seio, e muito grato a quantos aqui vindos para ouvirem a sábia palavra do illustre colega Conferencista desta tarde, dr. Roberto Moreira da Costa Lima, tão pacientemente me escutaram. Muito agradecido por fim, de modo particular,

ao colega, Professor Arnaldo Santiago, devotado membro deste Cenáculo, pelas palavras amigas, confortadoras, com que discursou recebendo-me em nome da Sociedade.

Tenho dito.

Crianças Prodígios

Djalma Farias

Todos sabemos de inúmeros casos de crianças que, na mais tenra idade, revelaram conhecimentos de arte ou de ciência, que não podiam ter adquirido nesta existência, o que demonstra e comprova que o fizeram em existência anterior.

O facto, hoje muito vulgarizado, de crianças prodígios, prova exuberantemente a reencarnação dos Espíritos, doutrina defendida e ardorosamente pregada pelo Espiritismo. Muitos negam sistematicamente a reencarnação, e só admitem a unidade de existência na terra. Vive-se, apenas, uma vez na terra, e depois da morte, não se tornará a viver.

Mas se não viveram antes na terra, lutando e aprendendo, como as crianças podem revelar qualidades intellectuais e morais que não lhes foi possível adquirir na última vida, em virtude da sua pouca idade? Um telegrama de Melbourne, destes últimos dias, publicado nos jornais, põe-nos ao corrente do caso de uma menina de 6 anos de idade, que canta em línguas que desconhece e prega sermões com muita competência. E' um caso espantoso, diz o telegrama, êsse que ocorreu ontem na igreja pentecostal de Richmond, onde a menina Renée Martin, de Chicago, que conta apenas 6 anos de idade, fez um sermão de mais de uma hora, perante cerca de 1.200 fiéis.

A menina cantou também em russo e chinês, idiomas que ella comprovadamente ignorava até ontem.

Renée está percorrendo as igrejas da Australia, em companhia dos pais, o reverendo Jack Martin e sua esposa. Parece tratar-se mais de um

caso de criança prodígio do que de mediunidade.

A menina está revelando uma competência que não é própria da sua pouca idade. Sabe e mostra que possui erudição sem ter aprendido. Parece, de facto, espantoso.

Há, porém, muitos casos espantosos como êsse.

Goete, aos sete anos, compunha versos em latim e, antes dos nove fazia um poema, parte em latim, parte em grego e parte em alemão.

Voltaire, que foi educado por um padre, aprendeu a ler aos três anos. Antes dos doze fazia versos com grande facilidade.

Walter Scott aprendeu a ler entre três e quatro anos. Antes dos doze já escrevia baladas.

Alexandre Dumas, aos quatro anos, sabia ler e lia a História Natural de Buffon.

Carlyle aprendeu a ler antes dos cinco anos.

Wagner, aos seis anos, já havia lido a história de Mozart.

Napoleão aprendeu a ler antes dos cinco anos. Aos sete já organizava grupos de pequenos, com os quais simulava batalhas.

Balzac, aos oito anos, já compunha pequenas comédias e, aos catorze, exclamava para os seus irmãos: «Vocês hão de ver. Hei de ser um grande homem».

Miguel Angelo, tendo apenas doze anos, já era um magistral artista.

Giotto era um jovem pastor a quem Cimabue encontrou desenhando com tal perfeição que o levou consigo e fez d'ele um dos maiores artistas da Itália.

Henrique Mondeux, sem haver

aprendido aritmética resolvia, com oito anos apenas, os mais difíceis problemas.

Lope de Veiga escrevia magníficos versos aos cinco anos.

Mozart tocava violino aos treze anos e aos doze compôs sua primeira obra.

Sir William Hamilton conhecia treze línguas em sua infância e aos dezoito anos foi proclamado o melhor matemático da sua época.

Young, o descobridor da teoria ondulatória da luz, lia aos dois anos com muita facilidade; aos quatro anos havia lido duas vezes a Bíblia e, pouco depois, dominava as ciências matemáticas.

Que provam êsses casos de crianças prodígios?

A realidade da doutrina reencarnacionista, pregada pelo Espiritismo e pelo próprio Cristo.

Crônica Estrangeira

Que é o Espiritismo ?

Dr. Manuel del Amo

(De «Psiquis», Havana, reproduzido por «Constancia»).

Muito foi dito, muito se pretendeu ao definir o que é e o que representa o ESPIRITISMO e, cada qual por si, definiu-o de acôrdo com a sua idéia e eu, pretendendo dizer algo sôbre o mesmo tema, limitei-me igualmente a minha própria maneira de defini-lo.

No infinito, cheio de matéria e de espírito, nada morre. O que denominamos morte na matéria nada mais é do que desintegração de um sêr para mais se aperfeiçoar. A desintegração da matéria e a encarnação do espírito na matéria, dá vida a esta, que recebe daquêle a sua plasmação. Desta influência do espírito sôbre a matéria resulta a vida verdadeira, a melhor maneira de ser, o progresso indefinido, o maior aperfeiçoamento. Sempre que o espírito vai se aperfeiçoando, busca matéria mais aperfeiçoada, de acôrdo com sua elevação.

Organicamente nos denominamos homens, e temos um espírito que corresponde à maior perfeição que lhe póde dar o organismo. O espírito que vive em nós, nêle encontra condições próprias para desenvolver e por em atividade a idéia que forma de Deus. Em sua primeira origem, o homem foi extremamente rude; de maneira alguma podia compreender a Deus, mas de etapa em etapa, foi se aperfeiçoando, rudes foram também suas idéias e rude a idéia que fazia de Deus.

Porisso, tal idéia de Deus estabelecia o culto correspondente.

A idéia rude e mesquinha de Deus o fez conceber deuses rudes e mesquinhos, que se ombreavam com os homens, deuses à altura do homem, e bem o dizem as muitas batalhas descritas por Homero, em que sempre intervinham alguns desses deuses que o homem via e tocava e que sendo feitura de suas próprias mãos, tinham para desgraça sua todas suas paixões e nenhuma de suas virtudes. Mas aperfeiçoando-se mais o homem, à medida que passava o tempo, mais e mais elevou seu pensamento, concebendo a Deus até vê-lo já elevar-se até o infinito.

Êsse infinito do qual apenas percebemos alguns pontos luminosos como matéria mas, se adquirissemos a extraordinária velocidade do raio de luz, permitindo-nos transpor facilmente imensas distâncias, veríamos que por muito que subissemos, sempre veríamos um céu suspenso a incalculável distância, matéria sôbre nossa cabeça e matéria sob nossos pés, posto que só matéria é o céu que se revela a nossos olhos. A matéria é uma verdade que sentimos e que pressentimos em nossa eternidade mas não basta presumir, há necessidade de ver. O que se sente e não se vê não satisfaz à compreensão; não basta, pois, pressentir. E' necessário vêr.

Todas as religiões até nossos dias acreditaram ter proferido a última palavra. O ESPIRITISMO disse sua primeira palavra e sabe que jamais dirá a última. Todas as religiões salvam e condenam. O ESPIRITISMO salva sempre. Todas as religiões vingam e castigam o mal. O ES-

PIRITISMO não o vinga nem o castiga. Corrige e emenda.

Todas as religiões teem privilegia-dos. Para o ESPIRITISMO não há sêr que não o seja.

Todas as religiões teem céus além dos quais nada mais existe. O ESPIRITISMO tem um céu para cada céu.

As religiões castigam a matéria como desprezível. O ESPIRITISMO ensina a conservá-la como cousa digna.

As religiões contendem com a ciência, o ESPIRITISMO tem-na por fundamento.

As religiões não dão ao ESPÍRITO outra morada além da terra entre dois limites, um de prazer e outro de pena eterna. O ESPIRITISMO lhe dá por morada o Universo sem limites de felicidade e de glória.

Todas as religiões definem seu Deus. O ESPIRITISMO não o define, porque definir é limitar, e não se pode limitar nem definir o que está fora da Humanidade.

Todas as religiões prometem. O ESPIRITISMO certifica.

Limitadas são as promessas das religiões. As do ESPIRITISMO não o são. Os adeptos das religiões obedecem as suas ordens. Os do ESPIRITISMO cumprem.

As religiões castigam os que não obedecem suas ordens. O ESPIRITISMO incita a cumprir, fazendo ver a falta.

As religiões fazem-se obedecer mediante o terror. O ESPIRITISMO sempre pelo amor.

Todas as religiões teem vácuos onde quer que esteja o desconhecido. O ESPIRITISMO sómente vê moradas, que um dia espera conhecer.

Para abraçar as religiões, é preciso fechar os olhos e cruzar os braços. Para aceitar o ESPIRITISMO basta sómente estender os braços e abrir os olhos. Para escutar a *verdade* que constituem as religiões, é necessário inclinar a cabeça e cegar a razão. Para escutar as verdades do ESPIRITISMO, é necessário olhar para o céu e desenvolver a inteligência.

As religiões, ao adorar, imploram, pedincham. No ESPIRITISMO é gratuito. As religiões repelem o que não é obra sua. O ESPIRITISMO recebe para poder corrigir.

Para o pagão, qualquer cousa é Deus; para o judeu, é Senhor; para o

maometano, Alah; para o católico é Padre. Para o espiritista é CAUSA.

O paganismo obscurece, o judaismo obumbra, o maometanismo tolda, o catolicismo dá trevas e o ESPIRITISMO ilumina porque explica todas as coisas à luz da razão.



Um camponês que falou durante uma semana, o grego antigo

Interessante ocorrência mediúnica verificada na Sicilia e relatada por «La Domenica Del Corriere» de Milão

N. Gandini.

Na vilazinha de Pergusa (Província de Enna, na Sicilia) reside um homem que, por uma semana, falou o grego de Homero. Talvez, dita desta maneira, a coisa não pareça excepcional; mas logo mostrará o seu verdadeiro aspecto fóra do comum, apenas tenhamos esclarecido que o protagonista é um camponês, que ouviu falar da Grecia, pela primeira vez, há uns seis anos atrás, quando o seu filho lá esteve, durante a guerra. Os jornalistas, mal souberam do facto, precipitaram-se para o lugar, mas já era tarde. O homem já havia retomado a sua língua natal, inesperadamente, e os recebeu com uma linguagem puramente siciliana.

Não era brincadeira...

Antes do mais, devemos dizer que não é verdade que Conceto Bonsignore se houvesse embriagado, no dia da benção das aguas do Lago Pergusa. Êle apenas sublinhou de vermelho a solenidade da festa, com alguns copos de um vinho sutil e cheiroso, e depois adormeceu sôbre um tapete de crinas. Na manhã seguinte a mulher despertou-o, impaciente, dizendo que deixasse de brincadeira, pois aquilo não ficava bem para um velho pai de família. O pobre, porém, não estava brincando. Falava grego, e por mais que se esforçasse, sómente vocábulos jónicos lhe afloravam à língua, misteriosamente treinada durante a noite! Aqueles que o ouviram, um sacerdote de um povoado vizinho e um professor de literatura chegado à propósito de Palermo, afirmam

que êle pronunciava as palavras com clareza, e que a sua linguagem, muito viva, perdida a noção do presente, referia-se a um nebuloso passado, esquecido há vinte séculos.

O sacerdote que presenciou o fenômeno, don B., embaraçado nos imperativos dos dogmas e nas lacunas da ciência, mostra-se confuso: «Não podemos encontrar explicações, senão no campo da mecânica psíquica», declarou, de maneira muito obscura. O camponês da língua confundida foi interrogado por don B., versado helenista, durante a persistência do fenômeno, com objetivo experimental. Assistiam ao interrogatório um tabelião, o professor vindo de Palermo e um jornalista. As perguntas e respostas foram anotadas, e o singular documento será enviado á Academia das Ciências de Paris, autenticado com a firma e o carimbo do tabelião.

As respostas, algo estrambóticas, dizem que o personagem que falava pela boca de Concetto Bonsignore viveu ha cerca de dois mil e trezentos anos, em Atenas, em frente ao templo de Demeter, e que a sua casa abrigava-se á sombra de uma figueira; que navegou, durante a sua vida, ao largo, das costas do Efeso; que combateu num misterioso lugar chamado Estopalo, onde o seu exercito foi vencido, tendo êle de fugir. Dito tudo isto em sonoro grego, Concetto Bonsignore voltou-se para a mulher e lhe disse, sempre em jónico: «Tenho fome!» Também esta frase foi autenticada com os sêlos do tabelião.

A' primeira vista, as últimas palavras são as únicas bastante claras, e digamos ainda, humanas, de todo o interrogatório; mas don B. afirma que, de um exame pouco menos superficial, surge, bem vivo e desconcertante, o florescimento de lembranças atávicas (a casa em frente ao templo de Demeter, a batalha, a fuga) juntamente com simples recordações da vida presentemente vivida pelo protagonista (a figueira junto ao muro da casa paterna de Concetto Bonsignore, em Enna). Quanto ao misterioso Estopalo, don B. é de parecer que o «helenista forçado» queria referir-se à batalha naval de Egospótamos, no ano de 404 antes de Cristo, na qual os atenienses foram derrotados pelos espartanos. Ao nosso vêr, é desculpável a inexatidão da lembrança; depois de tanto tempo, parece-nos que só assim podia ser.

Concetto Bonsignore tem 52 anos, se a simples afirmação de um registro civil póde ainda valer para um homem que combateu no Egospótamos... Êle está convencido de que esteve doente, mas assegura que aquela sua única doença, o «desprendimento da alma», como a chamam, nunca mais voltou, e que o seu pai morreu com noventa anos. A mulher, pelo contrário, está certa de que alguma feiticeira do lugar lhe fez algum mal, lhe atirou um mau-olhado.

E agora uma pergunta: Chegará a ciência a esclarecer esta ocorrência?

(«La Domenica Del Corriere», n.º 12, de 29 de Dezembro de 1946).

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sanatório «Américo Bairral»

Resumo do Relatório de 1946

MOVIMENTO HOSPITALAR

Existiam em tratamento em 31-12-45:

Homens 63 Mulheres 42 — 105

Entraram durante o ano de 1946:

Homens 130 Mulheres 88 — 218

Tratados durante o ano 323

Receberam alta curados:

Homens 71 Mulheres 53 — 124

Receberam alta, melhorados:

Homens 15 Mulheres 19 — 34

Receberam alta, experimental:

Homens 1 Mulheres 1 — 2

Retirados sem alta:

Homens 10 Mulheres 6 — 16

Retirados por incuráveis:

Homens 8 Mulheres 6 — 14

Retirados sem alteração:

Homens 5 Mulheres 0 — 5

Transferidos para o Juquerí:

Homens 6 Mulheres 0 — 6

Faleceram:

Homens 10 Mulheres 7 — 17

Passaram para 1947 :
Homens 67 Mulheres 38 — 105

Foram internados :

Por estado civil :

	Homens	Mulheres	
Solteiros	66	39	105
Casados	62	35	97
Viuvos	7	7	14
Ignorados	2	0	2
			<hr/> 218

Por Religião: Homens • Mulheres

Católicos	91	59	150
Espíritas	14	6	20
Protestantes	1	1	2
Indiferentes	31	15	46
			<hr/> 218

Por categoria: Homens Mulheres

Pensionistas	8	1	9
1/2 pensionistas	53	35	88
Indigentes	69	52	121
			<hr/> 218

Tratados gratuitamente 56 % :

Por nacionalidade :

	Homens	Mulheres	
Brasileiros	125	78	203
Estrangeiros	9	6	15
			<hr/> 218

Visitas médicas

Pelo diretor-clínico	273
Pelo vice-dir. «	22
Pelo diretor psiquiatra	99

Telefonemas interurbanos

Recebidos	910
Emitidos	200

Correspondências

Recebidas	2.550
Emitidas	3.000

Tratamento aos internados

Injeções aplicadas	6.257
Medicamentos em vidros	1.380
Aplicações hidroterápicas	131
Massagens manuais	26
Curativos	607
Cirurgia	0
Pequena cirurgia	4
Convulsoterapia pelo cardiasól	1
Eletro Choques	524
Piretoterapia	30
Malárioterapia	39
Exames de sangue	71
« de urina	65
« de fezes	1
« de escarro	2
« de liqu. cef. raquidiano	1
Vacinas preventivas	617
« anti-rábicas — série	1

Insulinoterapia	38
Serviços dentários	30
Partos	3

Reuniões

Da diretoria	15
Assembléia geral	1
Evangélicas e instrutivas	156

Ambulatório

Serviços prestados ao público :

Pessoas atendidas	249
Número de consultas	171
Receitas aviadas	50
Número de curativos	292
Pequenas intervenções cirúrgicas	5
Aplicações elétricas	40
Injeções aplicadas	664
Exames de laboratório	25
Segundo as características individuais :	
Sexo masculino	115
Sexo feminino	134
Adultos	162
Creanças	187
Brasileiros	235
Estrangeiros	14

Segundo as clínicas :

Paludismo	1
Verminose	20
Outras doenças tropicais	3
Tisiologia	0
Moléstias do aparelho respiratório	17
« do aparelho circulatório	21
« das vias urinárias	5
« dentária e dermatológica	0
« oftalmológicas	4
« oto-rino-laringológica	5
« dermatológica e sifiligráfica	7
« psiquiátrica e neurológica	40
« ginocológicas	9
Obstétrica	1
Pediatria médica cirúrgica e de higiene infantil	9
Cirurgia geral	4
Clínica médica geral	103

CHÁCARA

Além dos frutos, cereais e verduras consumidos no hospital, para uma média de 135 pessoas, a chácara deu uma renda de Cr.\$ 5.256.20. Plantou-se 5.000 pés de eucaliptos e cultivou-se toda a área aproveitável, esperando-se para 1947 maior renda.

MELHORAMENTOS

Construiu-se um reservatório, com duas secções, uma com capacidade para

4.500 litros e outra para 2.000 litros, com distribuições separadas, sendo uma para o pavilhão antigo e outra para o novo. No pátio masculino foi construído W. C., lavatório e chuveiro para serem utilizados durante o dia. A cozinha foi completamente remodelada e aumentada, dividida em 5 dependências: dispensa, cópa, lavanderia, cozinha e sala de distribuição.

Outros melhoramentos foram introduzidos em todos os setores do hospital.

PAVILHÃO DE FRENTE

O pavilhão de frente, iniciado em janeiro de 1945, ficará concluído em março p. futuro. A parte superior foi concluída e inaugurada em fins de dezembro, com 30 leitos, além de salas de estar e de trabalho, de exames e curativos e de hidroterapia. Foi dispendido até 31 de dezembro cr.\$ 140.854,00 passando para 1947, sob o título «Restos a pagar», mais cr.\$ 18.935,70. A parte térrea, em vias de conclusão, é dotada de salas de espera, de visitas, para a gerência, arquivo, gabinete dentário, consultório, fisioterapia, laboratório de análises, farmácia, manipulação e para outros fins. Construção sólida, com estuque, lustro em todos os cômodos, instalações elétricas e outras, todas embutidas, condizente aos hospitais modernos. É digna de nota a grande economia realizada nessa obra, para um prédio dessa natureza. Deve-se essa economia à nossa direção, dado o nosso conhecimento em serviços de construções, ao aproveitamento da mão de obra dos internados em condições de laborterapia. Do contrário, com referida importância não teríamos conseguido a quarta parte do que fizemos.

SÓCIOS — COOPERADORES — COLE-TAS PÚBLICAS

Houve pequeno aumento do número de sócios nesta e noutras localidades. Dos sócios contribuintes houve um recebimento de cr.\$ 3.876,00.

Os amigos e cooperadores da instituição têm facilitado o angario de donativos nesta e noutras localidades e que esteve a cargo dos srs. Angelo Pugina e Onofre José Batista, os quais são dignos de encômios pelo excelente trabalho que realizaram, para o qual não mediram sa-

crifícios, enfrentando toda sorte de dificuldades inerentes a missões dessa natureza. Entre cereais e espécies angariou o sr. Angelo Pugina a importância de cr. \$ 21.924,20; e em dinheiro, pelo procurador geral sr. Onofre José Batista, cr. \$ 28.102,20.

SUBVENÇÃO — AUXÍLIOS — DONATIVOS

Recebeu a instituição: subvenção municipal, cruzeiros 1.500,00; subvenção do Serviço de Medicina Social, cruzeiros 15.000,00; quanto à subvenção federal, até 31/12, o Conselho Nacional de Serviço Social nenhum auxílio concedeu a esta instituição. Auxílios: cr. \$ 40.000,00, do Governo do Estado e cr. \$ 10.000,00 da Legião Brasileira de Assistência, escriturado este último como donativo, a cuja categoria também estão os angariados e os espontâneos, recebidos pela instituição, de cr. \$ 127.580,30, além dos donativos em cereais e espécies já divulgados pela «Cidade de Itapira».

Crônica do último dia da «Semana Espírita de Nova Iguassú»

Cronista: Iza Quintanilha, de Cruzeiro

Domingo, 6 de Abril de 1947.

Coroando os esforços dêsses trabalhadores incansáveis da «Seara do Senhor», a Natureza vem colaborando, desde o primeiro dia da «Semana», com painéis magníficos e abrilhantando todas as festividades com muita côr e luz!

E, num rasgo final de generosidade, faz despontar, neste domingo, adorável manhã, cuja radiosidade é o complemento ideal da felicidade que invade todos nós.

A's 8 horas, reunidos no pátio do «Fé, Esperança e Caridade», num ambiente de grande alegria e fraternidade, estão todos os jovens a postos, afim de partirem para a «Campanha do Quilo».

Cientes das responsabilidades que assumiram, vão, agora, buscar num ensinamento do Evangelho, forças para esta peregrinação caridosa.

Aberto êste, por uma das jovens presentes, eis que, acertadamente, cáí:—

«Caridade moral e caridade material», lição oportuna, que é recebida como carinhosa mensagem de nosso mestre Jesus.

Leu o trecho aludido, o Prof. Leopoldo Machado.

Em seguida o irmão Ferreira, de Macaé, fez a prece.

Vão partir os jovens, de saco às costas, afim de pedirem de porta em porta, algo para auxiliar o «Lar de Jesus».

Vão bater, não nas portas empedernidas de madeira, mas nos corações igua-suanos, afim de conseguirem a dádiva amorosa que levarão às crianças do *Lar de Jesus*, obra magnífica que diz bem da dedicação dos spiritistas desta cidade.

Que exemplo extraordinário de solidariedade humana!

Que exemplo real de como se pratica a caridade cristã!

Para frente, jovens! Ide, e que Deus vos abençoe!

Os caravaneiros, após assistirem a partida dos jovens, para a «Campanha do Quilo», rumaram para o «Ginasio Leopoldo», onde foram amavelmente recebidos pelos seus diretores.

Depois de percorrerem as dependências da Secretaria, reuniram-se no pátio interno para o «Reabastecimento Espiritual», sessão dirigida pelo prof. Leopoldo Machado.

Após o «Hino da Alegria», a menina Luiza Morais proferiu a prece de abertura.

Foi aberto o Evangelho para os comentários — Lucas, 12.

Sobre a lição, discorreram os irmãos: Jaques Aboad (Rio de Janeiro); Ziviani (B. Horizonte); Cerqueira (S. Paulo); Virgilio (Astolfo Dutra); Antenor (Cruzeiro); José M. de Souza (Macaé); Sobreira (Rochedo); Benedito (Pinheiral); Alceu (Nova Iguassú).

Nêsse momento, algumas jovens da «Campanha» se aproximam dos que estão reunidos.

São convidadas a falar sobre a lição.

Fala, em primeiro lugar, a jovem Maria Luiza, representante da Juventude da Bahia, que a todos empolgou com sua palavra vibrante e pelos conceitos repassados de conhecimentos evangélicos. Em seguida falou Isa (de Cruzeiro) e depois Ilza (de Nova-Iguassú).

Usaram da palavra algumas senhoras: Erminda (de S. Paulo) e Elza (de Guarani).

O irmão Amadeu Santos, do Rio, proferiu vibrante oração, comentando o texto.

É por fim falou o Prof. Coutinho, que nos deixou viva impressão pelos ensinamentos edificantes.

Inesperadamente, Amadeu, em transe mediúnico, nos trouxe salutareos conselhos do Alto.

Depois, J. B. Chagas fez, também, seu comentário, «reajustando» o que foi dito e falando sobre o que deixou de ser esclarecido.

Discorreu também o Prof. Nilton sobre as finalidades desses «reabastecimentos espirituais», que tanto confortam nossos espíritos.

Sobre sua importância e benefício, falaram, ainda, os irmãos Ferreira (de Macaé) e Marques (de Nova Iguassú).

O Vicente, de S. Paulo, não quis que o «reabastecimento» terminasse sem um «toque» poético, por isso, leu interessante quadrinha.

A menina Sonia Marques fez a prece de encerramento, precisamente às 11,30.

2.^a Parte. — Tarde da Cordialidade Cristã

Teve esta inesquecível tarde início às 15 horas, contando com elevado número de assistentes.

As crianças do «Lar de Jesus» cantaram a *Prece a Jesus*. Em seguida, o Prof. Leopoldo Machado, orou.

Mais uma vez, dando demonstração de inesgotável capacidade de ação e de inteligência, o Prof. Leopoldo Machado propõe proveitoso e agradável passatempo.

É o seguinte: conta um facto verídico, ocorrido com espíritas, geralmente conhecidos, facto êsse que passa a ser analisado por todos.

Estudando-o através os princípios doutrinários, tiram-se interessantes conclusões, e o resultado conhecido, é, então, julgado se acertado ou não.

Esta «surpresa» foi agradabilíssima e dá oportunidade a interessantes tests evangélicos.

Diversos jovens dão opinião, reforçando-as com argumentos doutrinários.

Aproveita-se a última tarde, para serem «batizados» como estreantes nas Semanas Espíritas, alguns jovens e caravaneiros presentes, que recebem livros da Doutrina, como lembrança.

A tarde não termina sem que nova surprêsa venha alegrar a todos! Trata-se do agradecimento dos caravaneiros que ficaram hospedados na «Escola João Batista», às distintas senhoras encarregadas da cozinha.

A homenagem é significativa, simples e alegre. Todos se divertem com o «discurso» do Vicente, que falou em nome dos companheiros. O Elicides, de Friburgo, também discursou e o vovô Victorino dedicou quadrinhas às «cozinheiras».

Em nome das companheiras agradeceu a senhora Isaura Seva, que a todos surpreendeu com a «verve» de suas quadrinhas.

Todos receberam livros com dedicatórias, lembrança dos caravaneiros.

Passando à parte artística da tarde, as meninas do «Lar de Jesus» apresentaram interessantes números de canto e declamação.

Um animado leilão americano de linda almofada, que rendeu Cr. \$ 1.081,70, terminou o programa. Arrematou-a o irmão Virgílio, que, num gesto de grande delicadeza, ofereceu-a à jovem Léa, internada do *Lar de Jesus*, que, na véspera, havia sido integrada na «Mocidade Espírita de Iguassú».

Mais algumas quadras do J. B. Chagas, dedicadas aos «poetas» Vicente, Lasneau e Atlas, encerram o programa.

Prece de encerramento: feita pelo Prof. Leopoldo Machado.

3.^a Parte — Noite da Cordialidade Cristã

A mesa foi composta por representantes de todas as embaixadas presentes. A reunião teve início às 20 horas, precisamente.

As jovens da M. E. I. cantam seu hino, e, em seguida, o Prof. L. Machado, profere a prece de abertura.

Em seguida, faz a súpula evangélica do dia, com a qual, todos recebem novos conhecimentos ou esclarecimentos necessários.

Com a palavra os representantes.

Despedindo-se de todos e dizendo da grande cordialidade cristã que reinou entre visitantes e visitados, falou D. Silvia Sobreira.

A seguir, ouvimos o representante de B. Horizonte — Jair Soares. Passou agora o programa a ser intercalado com números de declamação e canto: a jovem

Maria José Valadares — disse a poesia de L. Machado — «Mulher espírita».

Despede-se de todos, a Erminda, representante de S. Paulo, que alude à necessidade do Centro «Fé, Esperança e Caridade» de alargar sua sala, pequena que tem sido para conter o grande auditório que a superlotou todas as noites.

Fomos logo após, brindados com a voz maviosa de D. Nair Pascoal, de S. Paulo que contou: «Quando se é Moço...»

Falou o representante de Cruzeiro, Antenor de Souza. Declamou «Mensagem Eterna» de João de Deus, a jovem Isa, também daquela cidade.

Falou, em seguida, o irmão Pierre, de Macaé. D. Maria José, com grande sentimento cantou a valsa «Fé, Esperança e Caridade».

Falam os representantes de Pinheiral: Benedito Honorato e a jovem Isabel Marques.

Pelo Rio de Janeiro, falou Amadeu Santos. Declamou «Gotas d'água» Cení Vieira.

Ouvimos, a seguir: Moisés Costa — representante de Barbacena.

E a graciosa Celia Pitt, de S. Paulo, declamou «Sofrimento-Lei».

Virgílio Santos representante de Astolfo Dutra — comovido, despede-se também.

A jovem Silvia Maria, de Pequerí, declama.

O jovem Elicides, lê sua interessante crônica, referente aos acontecimentos do dia anterior.

D. Risoleta Soares canta «Crença e Descrença».

O estimado irmão Marques, mentor da M. E. I. aproveita a oportunidade para agradecer a colaboração espontânea e sincera de todos: — dos músicos, depois, das senhoras e senhores que, incansavelmente, prestaram apôio às festividades da 2.^a Semana Espírita de Nova Iguassú.

O conhecido «Pato Preto» canta uma valsa, em homenagem ao Marques. Não foram esquecidas as jovens Elizabet e Ilza, duas valorosas trabalhadoras, que deram sua eficiente colaboração à «Semana».

A seguir, fala o Prof. L. Machado sobre o plano de alargamento da sala do Centro, mostrando a necessidade urgente de tal providência. E exalta o exemplo de confraternização que dão às cidades que fazem semanas espíritas organizadas,

o benefício que disso advem para melhor e maior expansão da Doutrina.

Finalizando o programa e, como fecho de ouro desta magnífica e inesquecível 2.^a Semana Espírita de Nova Iguaçu, foi levado à cena o esquete de L. Machado: «GALANTEIO DIFERENTE», na interpretação de Maria Luiza, Atlas e Romulo. E com um adeus fraterno, os jovens cantam, depois da prece final, «A canção da despedida». Assim terminou esta «Semana» repleta de alegrias cristãs!

Leesp

Esta prezada colega, mensário de cultura espírita e assuntos diversos da Liga Espírita do Estado de São Paulo, ingressou no seu 2.^o ano de existência no mês de março último.

A' *Leesp*, que publica artigos de conhecidos e apreciados escritores espíritas, desenvolvido noticiário e muitas fotografias, os nossos votos de longa existência e crescente progresso na arena da imprensa espírita.

Mundo Espírita

«Mundo Espírita», um dos mais apreciados jornais da imprensa espírita, que se publica na Capital Federal sob a direção do ardoroso propagandista, confrade Dr. Henrique Andrade, ingressou no seu 16.^o ano de existência no dia 4 de Abril último.

E' um acontecimento que alegra a família espírita, porque o brilhante colega está cumprindo à risca o seu programa de difundir o Evangelho. Possui uma plêiade dos mais apreciados escritores e publica basto noticiário de tudo o que diz respeito à doutrina.

Ao «Mundo Espírita», ao seu Diretor e auxiliares, as nossas felicitações, com os melhores votos de vida longa, sob a égide do Alto.

A Alvorada

Em Março último ingressou no seu 14.^o ano de existência esta nossa brilhante colega, que se publica em

S. João da Bôa Vista, sob a esclarecida direção do ardoroso difundidor da 3.^a Revelação, José Peres Castellano, a quem apresentamos as nossas sinceras felicitações pelo auspicioso acontecimento.

O Revelador

Sob a direção de Odilon Negrão e Adalberto Menezes, está novamente na arena da imprensa espírita «O Revelador», órgão do Departamento de Propaganda da União Federativa Espírita Paulista.

Nossos votos de crescente progresso e vida longa.

Pernambuco Espírita

Com êste título saiu à luz da publicidade, em Recife, Pernambuco, um jornal espírita sob a direção do confrade João Bezerra Vasconcelos.

Insera ótimos artigos e bem desenvolvido noticiário.

Votos de longa existência.

U. E. B. A.

União Espírita Brasileira de Educação e Assistência

Sociedade Beneficente, fundada em 25 de Agosto de 1946 — Sede social, Rio de Janeiro — Av. Venezuela, 27 — 4.^o andar, Sala 408-A
End. Telegr. UNIUEBEA

Espiritistas! Inscrevei-vos no quadro Social da UEBEA, assegurando assim o futuro de vossa família com o *Amparo Social* instituído pela Sociedade, criação única no meio espiritistas do país.

Tende em vista ainda o grandioso programa de EDUCAÇÃO, com a criação de Escolas Primárias e Educandários para os filhos dos espíritas — com matrículas preferenciais aos filhos dos associados da UEBEA.

E' um programa de ação e trabalho e que por sua incontestável uti-

lidade, vem recebendo o mais franco apóio da família espiritista do Brasil.

Escreva à Secretaria solicitando propostas e demais informações que desejar e recebe-las-á imediatamente pelo correio.

Visita

No dia 27 do mês passado tivemos a satisfação de receber a visita do nosso distinto amigo e confrade, Antenor de Souza, residente em Cruzeiro, que conosco passou algumas horas em animada palestra.

Nêsse mesmo dia, às 20 horas, o visitante realizou substanciosa palestra evangélico-doutrinária no Centro Espírita «Amantes da Pobreza», agradando sobremaneira a assistência.

Agradecendo a visita, desejamos ao Antenor muita felicidade na sua excursão de confraternização pelo interior do Estado.

1.º Congresso Espírita do Estado de São Paulo

Estando o 1.º Congresso Espírita do Estado de São Paulo, marcado para os dias de 1 a 5 de Junho próximo, a U. S. E. convida os centros que já aderiram ao movimento a tomarem parte neste conclave de alto significado na vida espírita do Estado.

Solicita dos centros do Interior,

que mandem representantes credenciados, ou então, que todos unidos enviem ao menos um delegado que possa representar a cidade, falando em nome de todos os centros unificados aí existentes.

A U. S. E. espera que lhe seja comunicada esta resolução com a máxima urgência, assim como o número de pessoas que devem compor as comissões.

Esperando em um ambiente de cordialidade e confiança discutir e resolver certos problemas referentes à unificação, desde já congratulamo-nos com a presença dos prezados confrades.

Antecipadamente gratos por mais esta colaboração, subscrevemo-nos, Fraternalmente.

D/ «União Social Espírita»

Emilio Manso Vieira

A Serviço da Doutrina

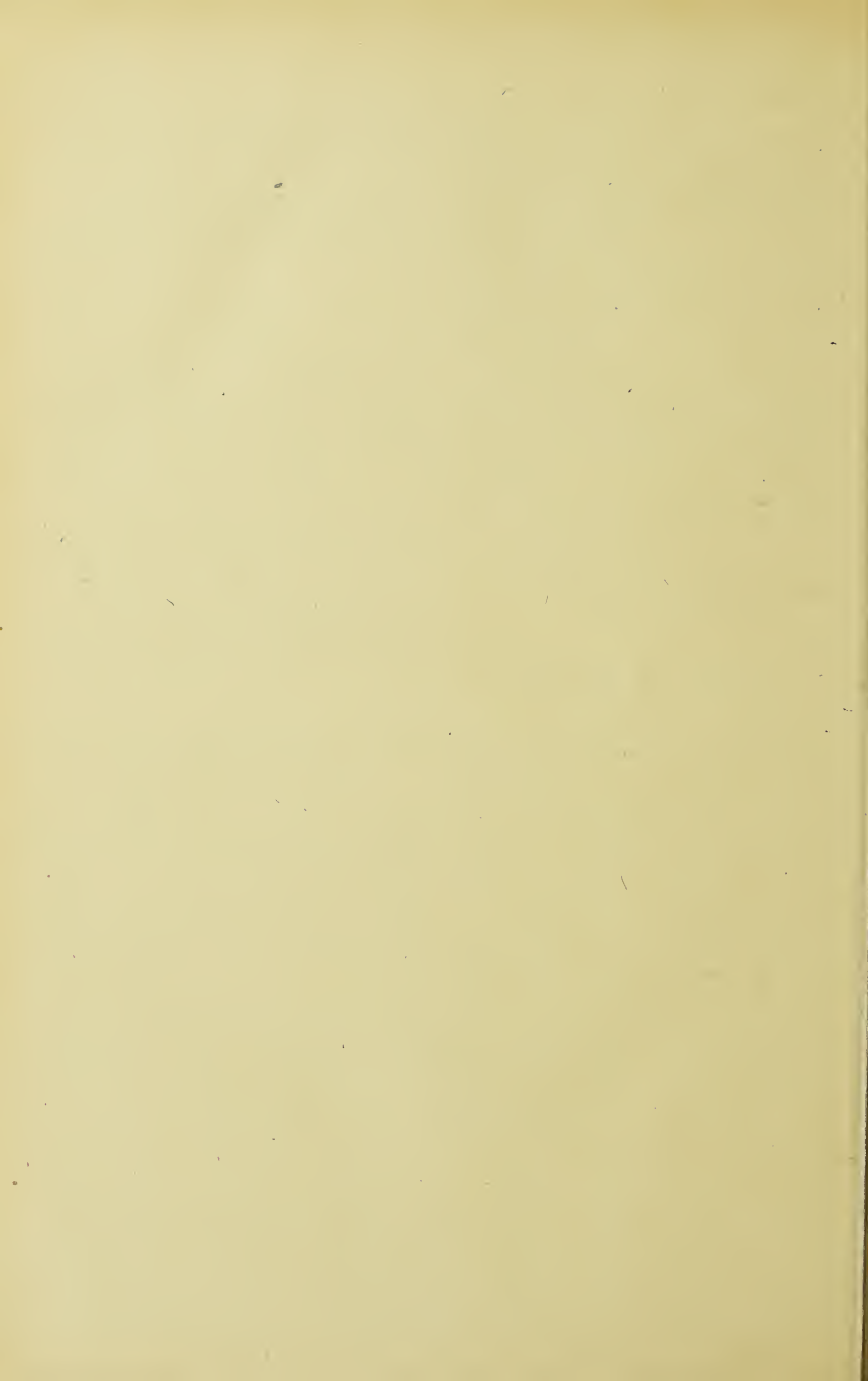
Reiniciando a sua excursão, o nosso companheiro Lourenço Bianchi, representante da Casa de Saude «Allan Kardec» e de «A Nova Era», de Franca, e dos nossos órgãos «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo», visitará a zona araraquarense e a zona compreendida entre Barretos, Rincão e Olimpia.

Solicitamos dos nossos prezados confrades a mesma acolhida que sempre dispensaram a êste valoroso trabalhador da seára cristã, pelo que antecipadamente agradecemos.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro :

Do 2.º ano Cr.\$ 40,00	Do 4.º ano Cr.\$ 40,00	Do 5.º ano Cr.\$ 40,00
Do 6.º ano . . 40,00	Do 7.º ano . . 40,00	Do 8.º ano . . 40,00
Do 10.º ano . . 40,00	Do 11.º ano . . 60,00	Do 12.º ano . . 60,00
Do 13.º ano . . 60,00	Do 14.º ano . . 60,00	Do 15.º ano . . 70,00
Do 16.º ano . . 80,00	Do 17.º ano . . 60,00	Do 18.º ano . . 60,00
Do 19.º ano . . 60,00	Do 20.º ano . . 60,00	Do 21.º ano . . 60,00



Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor : José da Costa Filho

Redator : A. Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr. \$20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. \$2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

